

Valencia

A SATIRA

DIRECTOR E PROPRIETARIO: Joaquim Guerreiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua da Magdalena, 125, 2.º

EDITOR: José Stuart Carvalhaes

Composição e impressão: Pop., Typ. Pelourinho, 14 e 17 — LISBOA

A SATIRA

REVISTA HUMORISTICA DE CARICATURAS

DIRECTOR E PROPRIETARIO — Joaquim Guerreiro

ADMINISTRADOR — Salomão Guerreiro

— EDITOR — José Stuart Carvalhaes —

Redacção e Administração — Rua da Magdalena, 125, 2.º

Papelaria, Typographia — Pelourinho, 14 a 17 — LISBOA



LEAL DA CAMARA

Leal da Camara

Caricaturista completo. Talento satirico, apanhando a face vulneravel dos homens e das coisas; facilidade de adaptação ao meio em que trabalha; rapidez de compreensão e juizo seguro—eis as suas qualidades primeiras de artista.

Mais não é preciso para triumphar.

É Camara triumphou, á custa do seu esforço e do seu talento, temperado nas violencias e perseguições de que foi victima.

Todos quantos tratam coisas de arte conhecem a sua odysseia. Os que a ignoram, esclarecemos em quatro linhas: foi uma victima da tyrannia monarchica porque o seu temperamento independente lhe tomou sempre a mão pelo caminho da liberdade e da justiça.

Foragido do seu paiz, vagueando em Hespanha, acolhido em França, onde acabou por assentar as suas baterias de graça e mordacidade, Camara é hoje um caricaturista de reputação europea. Desceu em Paris de mãos nos bolsos, e estes vazios... Mas a série formidavel dos «Soberanos» no *Assiette au Beurre* chamou a atenção do grande publico, e foi-lhe o começo da fortuna e da popularidade.

Nesta mesma revista, são monumentos

de bom humor os recentes numeros dedicados pelo nosso artista á Revolução Portu-guêsa, á viagem de Fallières a Tunis, e do rei Pedro a Paris.

E que dizer dos «Nos hommes politiques», onde desfilam as notabilidades da politica franceza, de Waldeck-Rousseau a Déroulède? E das «Divettes», onde resaltam os bandós negros da Mérode, e a plástica fragilissima da Guerrero?

Mas não foi só no *Assiette* que os desenhos de Leal da Camara o afamaram, e lhe crearam reputação mundial. Varias revistas do genero, hespanholas e francêsas, honraram as suas paginas com desenhos do nosso artista.

Elle realiza o objectivo da caricatura: chamar a atenção, exaggerando-os, sobre a feição característica ou qualidades moraes do retratado sem lhe prejudicar a semelhança. E ao lado de outros artistas de nomeada, elle, independente e pessoal, criou um typo,

uma fórmula definida e original de «fazer» typo e fórmula que o tornam inconfundivel. E' esse o segredo dos mestres da arte, de Daumier, de Gavarni, de Forain, de Faivre e tantos outros, de traço e expressão delicada ou brutal, humorada ou incisiva.



LEAL DA CAMARA

Desenho do caricaturista hespanhol Sancho

«Sangrento» lhe chamava ha tempos um quotidiano hespanhol. Em verdade a arte de Camara, no satânico da linha, no erriçado da legenda, dão-se as mãos para a demolição de quanto é nocivo ao progresso moral e material da collectividade.

*

Têmo-lo entre nós, o antigo artilheiro da *Corja* e da *Marselhêsa*. Assim o promettera (e assim o cumpriu) a Joaquim Guerreiro, seu amigo e confrade, e nosso director artistico, que foi expressamente a Paris fazer-lhe esse convite, em nome da *Satira*.

Tem agora o publico de Lisbôa, Porto e Coimbra ensejo de vêr esse original perfil de «côrvo de bico recurvo», como lhe chama Bargiola, ou, como o descreve Bonafoux, esse «nariz diabólico, bôcca dura e como que talhada a machado», conjuncto temperado pela doçura duns olhos grandes e tristes. A'quellas tres cidades o celebre

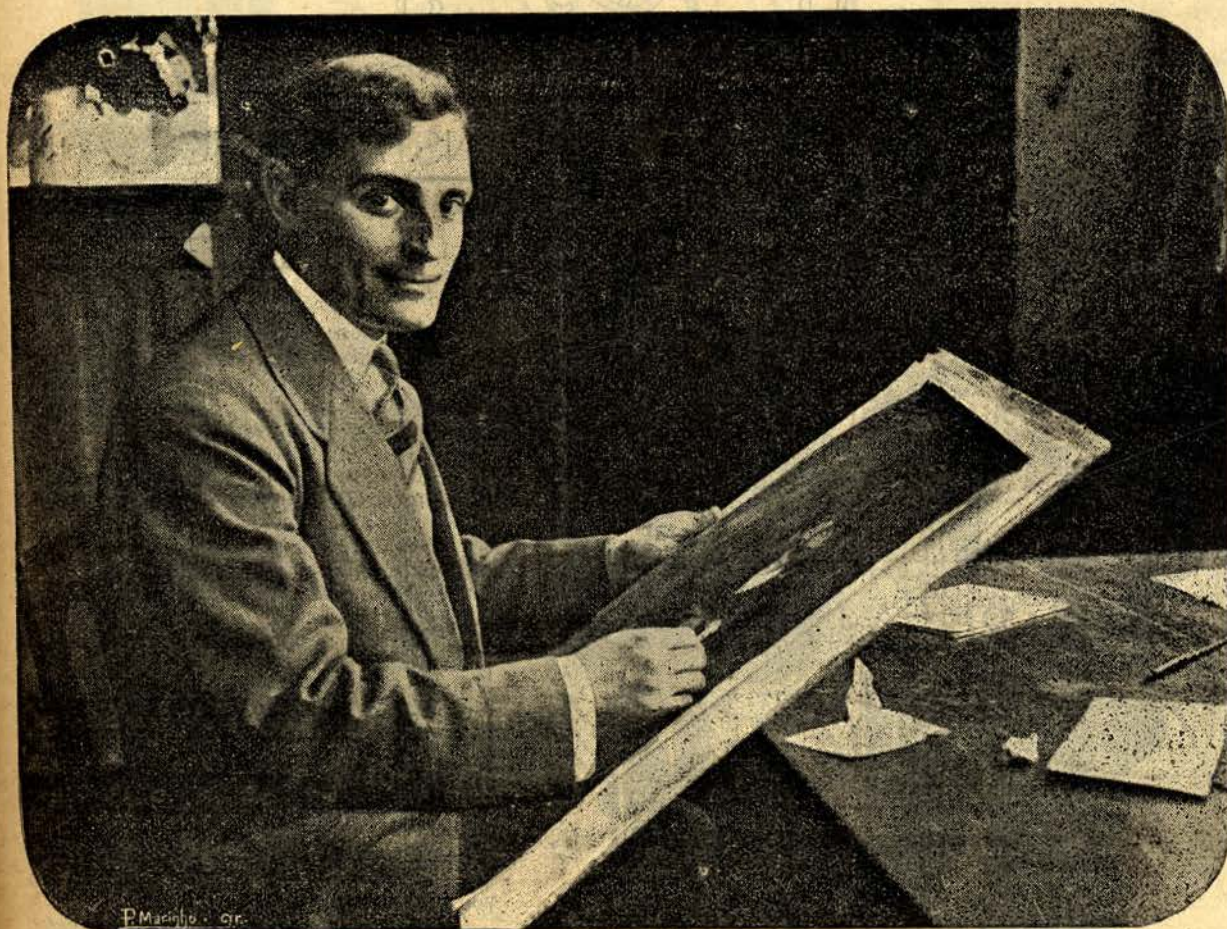
exilado virá annunciar o *verbum novum* do humorismo europeu. As suas conferencias, illustradas por elle proprio, serão um successo na monotonia do nosso meio, porque trarão consigo um pouco do ar puro e rico de civilisação que incessantemente penetra os pulmões dos grandes centros de cultura.

Uma coisa deve ter consolado o nosso compatriocio: vêr como se estendiam para elle os braços que outr'ora um regime de terror fazia pendentes, e como lhe apertaram as suas, mãos amigas que em tempos, felizmente pulverisados, não podiam traduzir em applausos a admiração sincera pelo infatigavel luctador.

Venha embora esse artista do sorriso fino e intelligente dar ao nosso publico as suas impressões de arte, e as maravilhas do seu lapis demoníaco.

Porque emfim, lá dizia Gavarni—o grande mestre e precursor:

—*Faut bien montrer des images à l'homme, la réalité l'embête!*



Leal da Camara no seu atelier em Paris

Maria da Graça

(Imitando Augusto Gil)

O clamar veneno exhala,
 Por isso não me concentro.
 É a mulher que pouco fala
 Guarda o veneno lá dentro.

1

Há dias falas-me assim
 Com um modo encantador,
 Dizes que gostas de mim
 Que me tens um grande amor...

2

Mas hoje voltas-me as costas,
 Talvez por não vir de trem.
 É certo que tu não gostas
 De quem não usa vintém.

3

4

E de sincero alardeias
 Um amor interesseiro:
 Amor que das ás mãos cheias
 Se ás mãos cheias ha dinheiro.

5

Alguem ao vêr-te na rua,
 E a quem a luxuria arrasta,
 Soprou-me:— Vou vêl-a nua,
 Que afinal pouco se gasta.

6

Maria da Graça é uma
 Rapariga cubiçada,
 Não tem familia nenhuma
 E adormece acompanhada.

Coimbra.

SANTOS GALVÃO.



INSTANTANEOS

MONUMENTOS

(Salão burguez, especie de caixote de lixo de todo o fiel bric-à-braquista... Espelhos, molduras, quadros... mais quadros molduras e espelhos... outros espelhos, quadros e molduras...)

—A que devo a honra da vossa visita?
 O mais academico adeanta-se em passinhos de pomba:

—Senhor!... A sua immensa fortuna... (o outro encrespa as sobrancehas...), a protecção que sempre dispensou ás artes... (alarga as bochechas n'um sorriso babado...), a estima que lhe merecem os nossos primeiros artistas... (põe-se grave...), eis o que nos trouxe aqui em commissão a pedir-lhe o primeiro obulo para levantar um monumento á memoria d'esse desafortunado genio... cuja mutilada obra todos admiramos!...

—...Um monumento... E onde vão collocá-lo?

—Na terra natal do artista...

—Tomem lá cinco mil réis... Eu nunca vou para esses lados...

(Retiram-se aos encontrões, recuando deante do enorme ventre...)

JOSÉ SALAZAR.

ECHOS DO CONGRESSO



O SECULO
 GRANDE MANIFESTAÇÃO AO DR. BERNARDINO MACHADO
 200.000 GRAVURAS
 MARCHA AOS FLAMBEAUX
 ETC.

OMUNDO
 GRANDE MANIFESTAÇÃO AO ENORME CAUDILHO AFFONSO COSTA
 ABAIXO AS CANASTRAS - VIVA O DEPUTADO POR LEIRIA, TRAZ RE-TRATO 42 FOIHA - DIZ-SE - QUE ESTA MUITO PARECIDO

ALUCTA
 VISITA DO DR. BRITO CAMACHO AS AGUAS LIVRES
 BANQUETE DE HOMENAGEM OFF. PELAS MENINAS DA PORCA LHOTA
 - AO DE LEVE - ANTIGAMENTE A ESCOLA ERA RISONHA E PRACTICA

PUBLICA
 VIAGEM DO MINISTRO DO INTERIOR... CHUVA DE FLORES SOBRE O GRANDE HOMEM DE ESTADO
 HOMENAGEM DOS PROFESSORES D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA
 ACABOU-SE A LUTA DE MEL - INQUERITO AOS LINDOS MOMENTOS

DIARIO DE NOTICIAS
 GRANDE CONGRESSO DE TUBISMO
 ESCAS COM ELLAS NO PASSEIO DA ESTRELLA
 VISITA AO PALACIO DA PENA - ILLUMINAÇÕES NA BAHIA DE CASCAES - SURPREHENDENTE FOGO D'ARTIFICIO
 ANUNCIO
 MENINA DE 20 ANNOS PEDE EMPRESTIMO DE 20.000 R\$ A CAVALHEIRO AO DE MEIA IDADE TRATA-SE NARRAR...

Noticiario



Organisou-se uma comissão de sabios para explorar as barbas do seu collega dr. Ricardo Jorge.

A sr. D. Carolina Angelo quer o serviço militar obrigatorio para as mulheres. S. Ex.^a dará o exemplo, sentando praça... em portamachado.

O poeta João Maria Sevilha vae publicar, de collaboração com o seu cavallo Ferreira, um novo livro—*Relinchos e sentimentos*.

Por decreto do Governo, o tratamento de cidadão só será d'oravante applicado aos habitantes das cidades. Aos das villas e aldeias dar-se-ha respectivamente o de *villãos e aldeãos*.

O sr. D. Affonso tem atropellado tanta gente que dentro em pouco a Italia corre o risco de ficar deserta. Parece que Victor Manuel lhe pediu que adoptasse antes o aeroplano e que o *Arreda* se negara a isso, com receio de atropellar as utopias dos conspiradores.

Está averiguado que os gatunos e vadios ultimamente apanhados co'a bocca na botija são velhos monarchicos que se vão entretendo a operar, para não... perder o habito. A classe dos colegas hespanhoes (gatunos não monarchicos) lavra o seu protesto pela concorrência desleal.

Partiu para a Suissa o resto do sr. Guerra Junqueiro.

A respeito de novos fardamentos, já se sabe que os cadetes da Escola vão usar, bordados no lado esquerdo do dolman, dois corações trespassados por uma setta.

Sabemos que para evitar a carne congelada e o gado argentino, muitos *bois* das nossas relações vão offerer o cachaço em holocausto aos interesses da patria.

Parabens ás *vaccas*...

Estão atacados d'uma decretite aguda alguns membros do governo provisorio.

Parece que á Constituinte toda a gente queria enviar representante: as classes dos caixeiros, das costureiras, dos alfaiates, dos sapateiros... De fórma que não seria um parlamento, mas uma succursal dos armazens do Grandella.

Os monarchicos portuguezes dedicam-se ultimamente á construcção de castellos em Hespanha.

Gratuitamente alvitramos aos ourives este nosso invento: ourivesarias passem a ter as joias ligadas a uma forte corrente electrica. Não ha diabos que lhes toquem.

Houve menino por esse paiz fóra que teve um chilique quando se soube deputado. Nunca tinha pensado n'isso, nem a sério, nem a brincar.

Com a nova temperatura politica, empallideceu um pouco o nariz do sr. Machado Santos. Isto obsta durante algum tempo ás obras que lhe queria metter o abalisado heroe, as quaes consistiam em lhe dar, sobre o vermelho natural, umas riscas a verde.

No theatro da Republica, a companhia de zarzuela levou á scena a *Moça de mulas*. A rapaziada, destemida do perigo, accudiu em massa. Ahi, portuguezinho valente!

Está cada vez mais bonito o sr. João Bregaro.

O sr. Delfim Guimarães recebeu, acompanhado do exemplar da 1.^a edição dos *Luziadas*, um cartão de agradecimento do seu illustre e fallecido collega Luiz de Camões. N'esse cartão alvitra o alto poeta (que alto está e alto móra) que se abra uma subscrição nacional para lhe comprarem um olho de vidro.



A senhora D. Alzira de Pires Daun Calado (Viva da Costa), aristocrata dos quatro costados, tinha considerações como esta: «na verdade, essa corja (sic) dos republicanos, o que querem é encher-se também; é uma sucia de pulhas (sic²) e pelintras (sic³) sem honra nem brio que só sabem dizer mal dos outros—» etc... etc... Sua Ex.^a continuava n'este diapasão, pois em politica tinha corda para oito dias e quando se acabava, o *Correio da Manhã* lá estava para dar mais corda a D. Alzira de Pires Daun Calado (Viva da Costa).

Quando alguém inadvertida e innocentemente perguntava a D. Calado se era franquista, respondia sempre com aquella célebre phrase thalassa, que depois passou á historia:

—«E, com muita honra!!»—e se não lhe tocavam na pendula ou lhe não atrazavam o registo, nunca mais acabava.

A primeira vez que a vi estava ella com o marido, Barão Calado, n'um salão de animatographo que dava espectáculos da moda, e ostentava um chapéu *cloche* com grandes fitas azues e brancas.

Reparei que junto d'ella estava uma cadeira vaga e como sou de natural atiradiço e femeeiro, e a D. Alzira é o que se chama um bom peixe, tratei logo de me instalar subrepticamente na referida cadeira.

Claro está que, quando a sala escurecia, eu, sem querer, chegava o meu joelho ao d'ella. Mas a D. Alzira (Viva da Costa), apesar de ser Daun, não dava nada. Notei comtudo que ella se voltava frequentes vezes para mim, e me observava altivamente.

Comecei a encavacar com o caso, pois estava convencido que era pelo menos tão bonito como o Alferes Antunes que se gabava... emfim vamos ao resto.

Succediam-se as fitas uma apoz outra e eu estava tão adeantado como no principio.

Decididamente era de gêlo.

Ninguém tal diria ao olhar para a cara do Barão Calado!

Vexado e aborrecido, levantei-me e saí.

A' porta encontro um amigo que saíra comigo e me diz abruptamente:

—«Então estavas a bater-te com a D. Alzira?...»

—«Quem eu?... Estás doido!»

«—Doido estás tu! Pois caes na patetice de ires arrastar a aza áquella dama com uma gravata d'essas?!...»

Reparei então que trazia uma gravata encarnada, mais encarnada do que um tomate, do que uma papoula, do que uma malagueta, do que o nariz do Machado Santos, emfim, uma gravata que gritava a Affonso Costa a uma legua de distancia.

Na verdade, por pouco republicano que eu fosse, com uma gravata d'aquellas, faria repon-tar o proprio Barão Calado!

Raio de gravata!...

Fui para casa desesperado e a primeira coisa que fiz foi tirar a gravata e atirar com ella pela janella fóra.

Passou-se uma semana e na primeira récita da moda lá estava eu na primeira sessão, com um grande *plastron* azul-pavão com largas listas brancas e um alfinete representando as armas reaes com a competente corôa, raminho de oliveira, etc...

Não esperei muito. Vinha deliciosa. Os cabellos negros de azeviche saíam-lhe em bandós frisados sob um *toque* de peluche azul. O largo peito elevava-se como um oceano em praia-mar d'aguas vivas. Uma delicia!...

Puz-me bem em evidencia.

Ella passou junto de mim e notei que os seus olhos se fitaram por uns instantes na minha gravata e depois no meu rosto.

Senti-me renascer.

O Barão vinha como sempre, pallido e loiro, muito loiro e frio.

Foram sentar-se nas mesmas cadeiras que tinham occupado na precedente noite. Eu, idem.

A luz apagou-se. As fitas começaram a correr vertiginosamente, phantasticamente, enquanto o meu joelho tremido e timido se aproximava do seu. Não retirou. Eu cheguei mais... ainda mais, depois o pé... depois a mão depois... depois tornou a illuminar-se a sala.

Era tempo.

A D. Alzira (Viva da Costa) estava vermelha como um tomate, como uma papoula, como uma malagueta, como o nariz do Machado Santos, como a gravata que eu trazia da primeira vez que estive sentado ao pé d'ella, e eu estava branco como as fitas brancas do chapéu d'ella, e tinha umas olheiras azues, azues como o céu da minha patria. O marido continuava incolôr.

Depois tornou-se apagar a luz. A fita representava a recepção do Sr. D. Manuel no Porto. Um entusiasmo louco.

A D. Alzira quando lobrigava a figura do radioso monarcha murmurava: «Lá está elle, lá está elle!!!» e eu, chegando a bocca ao seu ouvido: «E' verdade... mas vae tão depressa que não deixa gosar bem... o panorama.»

Quando a sala se illuminou de novo estavam ambos igualmente commovidos. Ella tinha os olhos baixos e o peito arfava-lhe violentamente; eu que nunca pude fazer arfar o peito, tremiam-me muito as pernas e o coração palpitava-me com força. O Barão Calado continuava na mesma.

Que linda fita!

O espectáculo acabara. Levantámo-nos e fomos caminhando silenciosos e commovidos, apertados pela multidão e luctando pacientemente para nós conservarmos juntos um do outro, irmanados pelas mesmas aspirações, emballados pelos mesmos sonhos, identificados pelas mesmas crenças. Então já perto da porta, consegui tomar-lhe a mão e segredar-lhe baixinho: «V. Ex.^a é uma monarchica *euragée*!!!» e ella apertando um pouco na sua mão perfumada e macia a minha mão nervosa, murmurou doce-mente:

«E com muita honra!!!»

M. ACARIO

A. de Barros Castro

MEDICO

Clinica geral e partos

R. Nova do Carmo, 90, 3.º

A BURRA

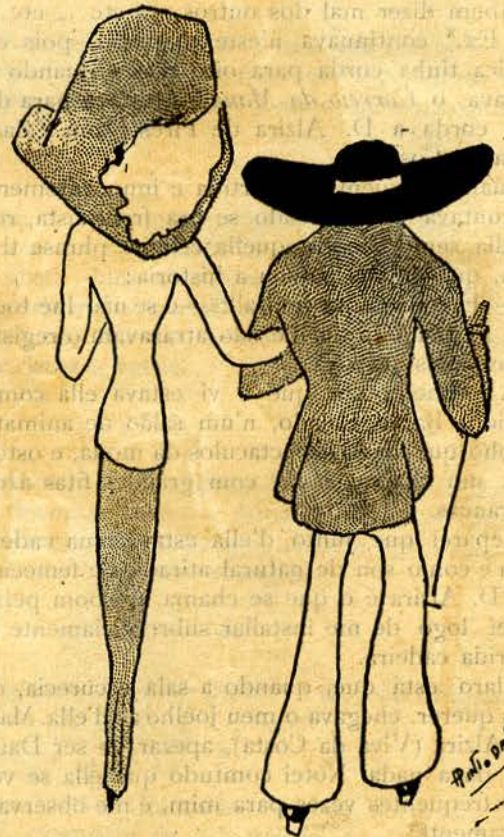
*Cae sobre a terra o peso faiscante
Do calor em ardencia pelo ar.
Nas sebes, com amor mais delirante...
As proprias aves deixam de cantar.*

*No silencio, uma burra caminhante,
Com tristezas longinquas no olhar,
Traz no dorso uma carga fatigante
Entropeçando já, toda a vergar!...*

*—E a burrica, talvez n'essa canceira,
Ao sol enervador que abraza e esturra,
Amaldiçoe a sua vida inteira!—*

*Um homem rude, atraz, inda a empurra,
Picando-a com um bico de piteira,
Mais animal ou asno do que a burra*

MIRANDA SANTOS



*—Que vem a ser amor platónico?
—E o amor espirital, a abstracção da carne.
—Comprehendo: é amor para dias de jejum.*

O ESCANDALO



Desenho de Stuart Carvalhaes

- A Mathilde que se divorciou ha seis mezes, acaba de ser apanhada em flagrante adulterio, pelo segundo marido.
- E com quem?
- Com o primeiro.

Entre costureiras



- Como se chama o teu namorado ?
- Augusto.
- Tem graça; o nome do meu tambem principia por A.
- Como se chama ?
- Arnesto.

Desenho de S. Carvalhães

ZUN-ZUNS

A entrevista do nosso confrade Carlos Simões com o *stradivarius* do sr. José Relvas produziu os seus resultados. S. Ex.^a foi convidado a ir a França tocar a «Portuguêsa» em sólos do seu instrumento favorito, mas, apesar do contracto ser vantajoso, desculpou-se o sr. Relvas de não poder entrar em concertos, por ter o instrumento a concertar.

*

* *

O sr. Fernando Lacerda, intermediario official nas relações com o Outro-Mundo, dá-nos agora prosa do Fialho; mas que prosa, Deus de Abrahão! D'ella se infere (como de resto já succedeu com amostras de outros escriptores, obtidas por igual processo) que os grandes artistas, depois de mortos, só pegam na penna para escrever burrices!

*

* *

Como se sabe, ha uma lei que prohibe a saída das obras de arte para o estrangeiro. Em virtude della, foi detida na fronteira, por onde ia a caminho dum millionario americano, a celebre téla em que Jesus Christo pergunta a Bernardino Machado se os meninos vão de saudinha.

*

* *

Depois de vermos as celebridades da Republica Portuguêsa réclamar com o seu nome varios productos industriaes (chapéus, bolachas, vinhos, sabonetes, etc.), já sabemos que este anno, á porta de S. Bento, um cidadão montará baraca, vendendo aos noveis salvadores da patria:

Cabelleiras desgrenhadas á Antonio José de Almeida.

A'partes á Affonso Costa.

Apostrophes inflammadas á Alexandre Braga.

Ronha á Brito Camacho.

E ainda outras miudezas, entre as quaes um grande *stock* de vénias, sorrisos, medidas e cumprimentos á Bernardino Machado.

*

* *

Parece que uma commissão de sujeitos vae pedir ao governo provisorio que o Theatro Nacional passe a ter, além dos 50 titulos officiaes e extra-ditos que já possui, o seguinte:

Asylo dos Invalidos Dramaticos, Comicos e Pathéticos, (ou patétas, á escolha do freguez).

Os padres desculpam-se agora do seu odio á Republica, porque, dizem elles, Christo não podia supportá-la. Assim, elle falava continuamente do reino dos céus; do reino do seu Pae; que o seu reino não era deste mundo; e até por ultimo se intitulou rei dos Judeus. Verdade seja que presumpção e agua benta cada um toma a que quer...



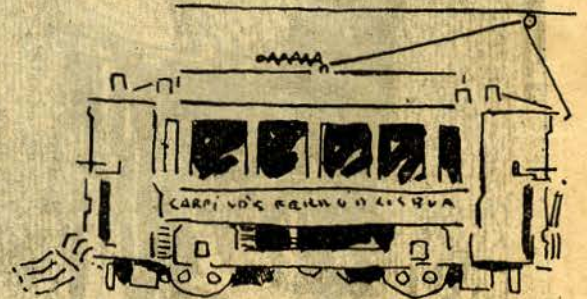
Lições de coisas

Vejo com fundo desgosto a crassa ignorancia que Vosselencias possuem e isso me anima a encetar hoje lições sobre as cousas vulgares, de emprego geral, e que por isto mesmo não preocupam a imaginação de ninguem. São factos quotidianamente vistos, cuja explicação é inteiramente ignorada.

Pergunta-se a alguém porque andam os electricos? Encolhe os hombros. Porque os relogios só trabalham com corda, porque a barba só cresce aos homens? A mesma indifferente, resposta.

Ignoram e julgam desnecessario saber.

Pois bem eu me encarrego de lhes ensinar.



I. - Electricos

Começarei pelos *electricos*: seu funcionamento, paragens, passageiros, e mais adjacencias.

— Quanto á sua estrutura, os *electricos* são uns solidos alongados, tendo ao alto um pau d'arame encostado a um fio que quando parte dá sarilho; á frente um objecto de classificação

difficil chamado *salva-vidas*. . . á custa da factura dos restantes ossos; em baixo têm umas rodinhas; vidros por todos os lados que quem partir paga; disticos, manivellas, etc., etc. . .

Dividem-se em: carros grandes-fechados, ou abertos; carros pequenos — idem; e carros do povo, estando n'estes incluídos os que fazem carreira de Belem para o Caminho de Ferro. Estes ultimos têm um certo cheiro a cachucho de conserva.

Os carros têm dentro; bancos moveis em que é bom não mexer; um conductor sempre em pé; annuncios nas paredes; um guarda-freio na frente; enfeites para as moscas; na plataforma um policia; um cordão de campainha, e de vez em quando um revisor. A'lém d'isto passageiros, e um aviso de que é prohibido cuspir fóra. Quem quizer que engula.

Quanto ao funcionamento é facil: o tal pau d'arame de que falei, sentindo-se *encostado* pelo fio, quer raspar-se; as rodas, por solidariedade, também; o guarda-freio desenfreado toca a campainha, e ahi vae nas horas. Parece que sem o pau d'arame, que tem um nome assim parecido com *trolha*, os carros andariam mais depressa; mas ainda não está provado.

De todos os carros, os mais perigosos são os pequenos, fechados.

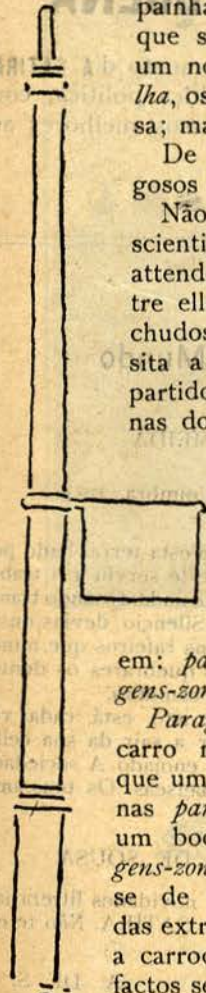
Não tem este facto explicação scientifica. Mas é comprensivel se attendermos á analogia que ha entre elles e aquelles garotos gordanchudos que vão com a familia de visita a nossas casas, e no fim têm partido uma jarra, arrancado as penas do rabo ao canario, e dado tres apalpões na cosinheira. D'esses carros é bom fugir a 25 metros de distancia e nunca fitál-os com insistencia porque se escamam.

A respeito de paragens ha pouco que dizer e dividem-se em: *paragens*, *paragensinhas* e *paragens-zonas*.

Paragens são aquellas em que o carro não pára por mais que uma pessoa se esforce; nas *paragensinhas* já pára um bocadinho; nas *paragens-zonas*, ás vezes fartam-se de parar. Estas, além das extraordinarias: devidas a carroças, desastres e mais factos sem importancia. Em dias de chuva o carro pára



Paragensinha



Paragem

em toda a parte onde o guarda-freio queira.

Passageiros podem ser: *muitos*, *poucos* ou *nenhuns*. Os 1.^{os} andam nos carros para o «Arco do Cego (Intendente)»; os 2.^{os} nos Estrella (Santos); os 3.^{os}, depois da I da manhã, para «Santo Amaro».

Esta lição já vae longa, mas ainda lhes quero dizer que os carros passam a noite em Santo Amaro ou no Arco do Cego. Dormem pouco mas estão cada vez mais espertos.

Espalhados ao longo das calhas ha uns animaes exóticos, sem fala, os *lim-pavias*, que sujão as ruas com a areia vermelha.

Os bilhetes conhecem-se pela côr: quanto mais escuros melhor, exceptuando os brancos que não são os peores.

Não quero deixar de citar de passagem os elevadores, da mesma familia mas com melhores costumes. São mais comedidos e bem educados.

E não me alongo mais para não vir a cair nos carros do Jorge ou Salazar, só supportaveis por quem esteja acostumado á vida de bordo, e bastante recommendado no tratamento das bexigas.

(Continúa)

ALVARO FARIA

CERNADAS & C.^A

Livraria editora

R. Aurea, 192 — LISBOA



Coisas e Loisas

Rotulos, taboletas, etc.

E' a febre das homenagens. Chegou a hora de se pagarem todas as dividas aos outonicos talentos d'este abençoado rincão. Apareçam todos quantos tenham uma restea de genio a aquecer-lhes a fingida caixa das ideias. Que ninguem falte. A moralidade e a justiça que tinham fugido d'aqui nos tempos da óminosa voltaram mais cheias de vida e frescura, provocantes, *canailles*... Vamos, é aproveitar a occasião. Estão no mercado as consagrações.

Em vez das cruzes com que se distinguiam os ladrões, um programma de immortalidade no rotulo d'uma garrafa de vinho ou na taboleta d'uma taberna. Quem quer mais?

Foi a perspicacia dos nossos bacalhoeiros que creou o novo genero de glorificação. E' preciso inventar um modo digno de os glorificar, a elles. No entretanto pesguemos-lhes com os nomes nas lapides das esquinas ou ergamos-lhes estatuas. Barro não chega, marmore é que é preciso. São dignos de tudo. Tudo é pouco. Quantas locubrações sobre o balcão e quantas horas de vigilia por todos os cantos lhes não custou essa manciara de exaltar os nossos grandes homens, os que tendo pregado quatro murros no seculo o fizeram parar e lhe gritaram bem alto a elevação da pieguice nacional.

A hora das reivindicações chegou.

Justo é portanto que d'hoje para o futuro as escolas tenham os nomes dos batateiros mais illustres.—

—Não vão as effigies dos nossos homens publicos correr mundo nas caixas de graxa, nos alfinetes e nos lenços tabaqueiros? E não será bastante isto para um paiz em que ha innumeris intellectuaes, poucos cavadores de batatas e pouquissimos representantes d'aquella raça de gordos commerciantes de pannos, negreiros e merceiros por junto e a retalho, que passam nos romances de Camillo sob o seu humorismo implacavel, risonhos, rechonchudos e em mangas de camisa?

Por mim, curvo-me, chego quasi a acocorar-me ante os intelligentes commerciantes do meu paiz que conseguiram achar a solução do mais intrincado problema dos ultimos tempos—arranjar os meios de pôr em foco os compatriotas que se gastam nas *fadigasas lides das formosas lettras*, como dizia o Accacio, ou se perdem pelas sciencias, pelas artes ou pelo... povo.

Passei ha pouco por uma taberna que tinha esta interessantissima taboleta:



Não é já a apothose dos homens é a apothose das datas. *O cinco de outubro* acha-se *havilitado*.. Para quê? decerto para fornecer *binho*. Aquillo é a glorificação dos anonymos, dos valentes, que morreram na lucta e a condemnação dos que nada fizeram e fugiram. Hade adquirir fóros de inscripção fatidica e lendaria nos cerebros dos que hão-de vir. Irá de geração em geração.

—Um principio de educação civica ensinado praticamente por meio de copos de vinho. Sei d'uma pastelaria que tem na frontaria os retratos dos membros do governo provisório. Hão-de ser doces figurinhas ou figurinhas de... doce. Os lenços republicanos, falando do sangue e da esperanza, substituiram nas vitrines os azues e brancos de D. Manuel. Ha *bengalas* á Brito, á Borges, á Cunha; gravatas democraticas, pantheistas, idealistas, etc.; pasteis Theophilo; bolachas *«Aguia»*, *quinquilhaerías Junqueiro*.

A celebridade entrou emfim no tal jardim do Snr. Thomaz, não ha duvida. Quem nunca ouviu falar do Cunha, do Borges ou d'outro qualquer dos que a bondade commercial ou industrial favoreceu, depois da explicação do marcano amavel e sabedor, nunca mais esquece as biographias dos ditos. E ainda ha quem se atreva a falar em desgraças n'um paiz em que se exaltam os que trabalham e os que estudam... deixando-os morrer de fome!

Ah! positivamente vale a pena morrer (ainda que seja de fome) n'esta linda terra... A immortalidade em perspectiva no rotulo ou na taboleta *recompensa* tudo...

Coimbra-20-3.

N. S.

A SATIRA PEQUENA

Sae no dia 19, este supplemento d'A SATIRA, semanario humoristico, de critica politica, com magnificas caricaturas dos nossos melhores artistas; o preço é de

10 réis.

BILHETES POSTAES

Para o Outro-Mundo

Ex.^{mo} Sr.

FIALHO DE ALMEIDA

Rua dos Gatos,

Coimbra, 10-4

Meu querido Fialho

Já não vale a pena ter talento n'esta terra. Tudo por aqui cheira a bandalhiçe. De que te serviu a ti trabalhar, luctar, vencer? De menos que nada. Quando transpuzeste o portico do templo do Silencio devias ouvir ainda os ultimos latidos de alguns rafeiros que nunca te perdoaram a offensa de lhes quebrares os dentes quando uma vez te assaltaram no caminho.

Podes dizer ao Camillo que isto está cada vez peor. Que não pense em tornar a sair da sua cella. Teria de lá refugiar-se outra vez, enjoado. A sociedade desfaz-se em trapos que fazem náuseas. Os teus amigos recommendam-se muito.

Abraça-te o teu ex-corde

A. DE SOUSA

P. S.—Annunciam-se para breve novidades litterarias. Mandar-te-hei impressões pela SATIRA. Não te esqueças de ler o n.^o 5.

A. DE S.

A falta de religião

(Desenho de Joaquim Guerreiro)



— Ora, sôr empregado, isto do livre pensamento tem feito mal cá a classia...
— Porquê?
— Porque não se acraditando na Historia Sagrada, ainda menos se acradita no conto do vigario.

AO TELEPHONE



— Trrim... Trrim... Trim...
 — Trrim... Trrim... Trim...
 — E's tu queridinha?
 — Sim, sou eu. Que queres?
 — Saber como estás de hon-
 tem á noite para cá e se o
 teu coração continúa a bater por
 mim.

— Tontinho! então por quem ha-
 de elle bater. E o teu?

— Só de te ouvir falar parece um
 cavallo; vou pôr junto d'elle o aus-
 cultador do telephone. Escuta!

— Oiço... Oiço .. Mas isso é o
 tic-tac do relógio.

— Tens razão. O relógio tem a corda partida,
 e só agitado é que trabalha. Calcula como elle
 bate, para o relógio começar a andar?

— Bastou então tocar-te na corda sensível
 para o relógio ficar com a corda toda!? Lison-
 geiro, em paga recebe um abraço.

— E tu um beijo na bocca... e outro no si-
 gnal da bocca... do estomago.

— Qual signal!

— Essa é bôa! tu não sabes?!

— Nunca dei signal d'esse signal.

— Estás a mangar! Ainda hontem me disseste
 que o teu primeiro marido, o que morreu de
 bexigas, morria de amores porelle.

— Estás doido! Essa confusão é devida a te-
 res outros amores. E eu que acreditei em ti.
 Ingrato, como me fazes soffrer! E tu que ha
 pouco falavas das bellezas do teu coração, ten-
 do-o cheio de pellos.

— Pellos no coração! Isso
 nunca; se os tivesse, mandava-
 os cortar á escovinha. Mas
 deixa-te de ciumes, Etelevina!

— Etelevina! Desgraçado, até
 te esqueces que me chamo Laura
 Carneiro.

— Que confusão! Então não é com
 a Etelevina que falo!

— Não senhor. Eosenhornão é o Pina?

— Não, minha senhora. Sou Gusta-
 vo Villas Bôas, creado de V. Ex.^a.

— Que vergonha meu Deus! E o
 senhor Villas Bôas que acaba de ou-
 vil-as bôas. Estou nas suas mãos.

— Confie em mim, minha senhora; sou homem
 para guardar um segredo.

— Toda eu tremo. Vou desmaiar para o meu
 quarto. Estou vermelha como uma lagosta.

— Não vejo, mas acredito. Bem vê que não
 sou culpado, foi engano da telephonista na ligação.
 Mas não desmaie. V. Ex.^a não imagina que en-
 canto eu sinto n'esta aventura.

— Ainda bem que dei com um cavalheiro
 que não me comprometterá. Não sei como tes-
 temunhar-lhe os meus agradecimentos.

— E eu como pedir-lhe perdão da minha falta
 involuntaria. Mas tenho uma ideia: concede-me
 V. Ex.^a que eu a veja!

— Onde poderei encontrá-lo?

— N'esta sua casa, rua do Salitre 290, 2.^o

— Está dito; irei amanhã.

— Como lhe fico agradecido! Os meus cum-
 primentos a V.^a Ex.^a (largando o auscultador)
 Ora aqui está uma má ligação que pôde vir a
 dar n'uma bôa ligação.

C. S.

Um retrato

(ao actor Chaby)

*Ella tinha um pésinho tão bem feito,
 Tão pequeno mignon e divinal,
 Que cabia decerto n'um dedal
 Excedendo quanto ha de mais perfeito.*

*Não tinha grandes ancas, nem bom peito;
 Era etherea, franzina e sensual,
 Tinha a pureza austera de Vestal
 E não fitava assim qualquer sujeito!*

*Mas os pés! Quem havia que os olhasse
 Que não sentisse logo ardente amor
 E que vêl-os de perto não buscasse.*

*Qualquer os beijaria com fervor,
 Mas com a condição que ella os lavasse
 Cousa que nunca fez e... que fedor!*

J. DUMONT (ORLANDO).

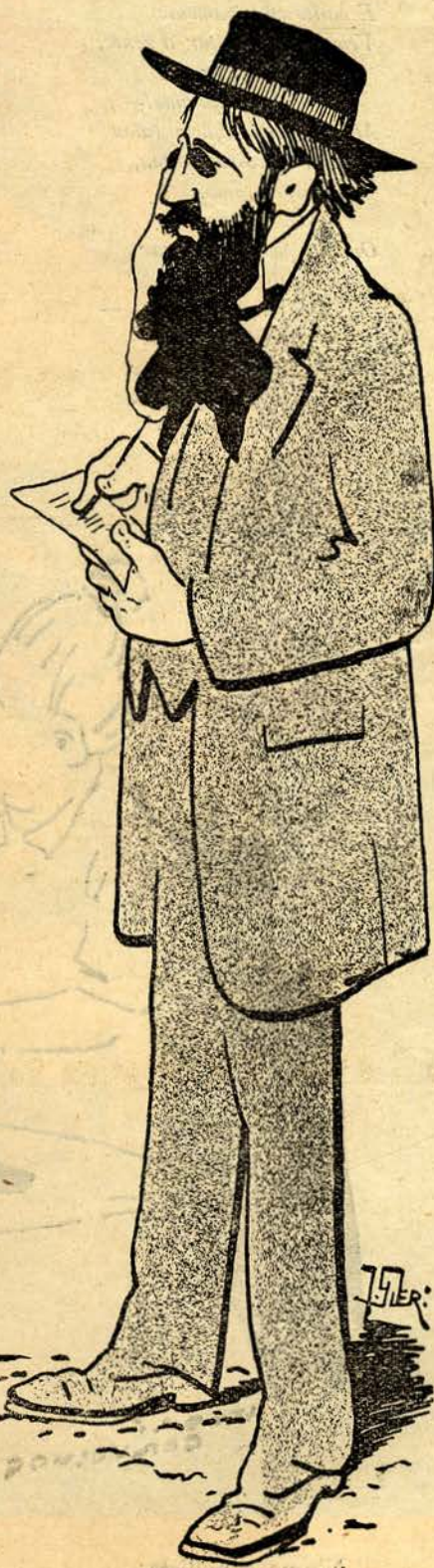


FOLHETIM INTERESSANTE

... Os dois cavalleiros, por mandado de Luiz XIV, entraram no quarto da formosa condessa Gabriella e mataram-n'a a tiro de *Browning*; voltando de madrugada sequiosos de mais sangue, borrifaram o corpo de gasolina e queimaram-n'a viva.



A Baixa às 4



SATYRAS

*Essa tua pallidez,
Romantica apaixonada,
São 3 kilos, desgraçada,
De pó d'arroz cada mez.*

*Ha sonhos originaes!
Os teus seios perfumados
Vi, n'um sonho, misturados
Com Pillulas Orientaes.*

*Tambem chamo como os mais
Aos teus dentes um thesouro.
Ai! principalmente os taes
Obturados a ouro.*

*Na selva dos teus cabellos
De côr loira desbotada,
Ha uma fauna variada,
O' pomba dos meus disvellos.*

Coimbra, maio de 1911.

JOSÉ BRANDÃO.

O Gouveia das barbas

I

Entre estudantes

Um d'elles passa.
 E muito effusivamente
 Vem cumprimentar a gente,
 E diz com graça:
 —Collega qu'rido!—
 Mas o outro a quem falou
 Sorriu, as costas voltou,
 Despercebido.
 —Dize afinal
 Onde te posso encontrar
 Logo depois do jantar.
 Um giro .. e tal...—
 —Bravo! Bizarro!
 Pois eu tinha como firme
 Que vinhas d'ahi pedir-me
 Algum cigarro.—

II

OS PADRES

Por accessos de paixão
 Que os padres têm também,
 Muita gente diz que são
 Mais damnhos que ninguém.

Eu cá por mim, queiram crer,
 Acho não devo fazer
 Tal juizo; e a razão
 E' que dos padres a seita
 Usa uma certa receita
 Que augmenta a população.

Coimbra.

SANTOS GALVÃO.



N'uma capellista:
 —Tem cordões?
 —De todas as qualidades.
 —Então venda-me dois metros de cordão umbilical!

Chefes de Estado



Desenho de LEAL DA CAMARA

I — O PRESIDENTE FALLIÈRES

A arte em Portugal



- Então que fazes tu?
- Ora, vou á feira da ladra vender alguns quadros, e tu?
- Vou vêr se me acceitam n'algum café. E somos diplomados!!!...

Desenho de J. Guerreiro



(Revista correcta... e augmentada, em um acto... grande, com 279 quadros e algumas estatuas.)

«Charges» de Francisco Valença
e
Palavras de Carlos Simões



Eu e Valença fizemos a nossa entrada solemne na Exposição, atravessando um corredor cheio de cellas, arrastando as sólas nas passadeiras vermelhas que conduzem ás salas. De monoculos, lapis em riste... para fazer rir sem cocegas começámos a colher notas criticas d'Arte... para baixo e para cima. Ha na exposição de tudo: quadros de genero... e numero nas molduras, retratos de mestres e de mestres *sapateiros*, marinhas que marinham pelas paredes, com barcos de velas e candeeiros de petroleo, paizagens de tons amarellos, vermelhos e verdes... a berrarem por vaccas e vaccas a berrarem por bois. Quadros de amadoras, com natureza morta... á traição, representando aboboras meninas e retratos de meninas aboboras. Nu... e cru de tons frios e nu bem cozido de tons quentes. Pasteis de... nata e a nata dos pasteis. Aguarellas que dão agua pela barba aos vizinhos e que os deixam com as barbas de môlho... de escabeche. Pinturas asthmaticas, morrendo de falta... de ar e a pedirem ar... mario, pinturas de effeitos pyrotechnicos, cheias de trucs e trique-traques. Processos diversos, que vão desde a pincelada dada em cheio á dada em vazio. Uns de factura lambida, com tinta por doses homœopathicas e outros que gastam tanta tinta, *á tonta*. Muitos quadros a pincel, mas muitos mais... *á brocha*. Emfim, se por lá ha telas tôlas, tambem as ha de valor a valer. Antes de entrarmos na nossa apreciação humoristica, diremos aos nossos leitores dos sexos fragil e bonito e forte... e feio, que, n'este artigo, são apreciados tanto mestres como discipulos fazendo-se apenas *charge* aos assumptos dos seus trabalhos e que nos feriram a retina pelo lado faceto. E, dito isto, meus senhores e minhas senhoras, vae principiar a fita, d'arte; toca a fitál-a.



N.º 186 — Eduardo Affonso Vianna — Um phenomenal nariz grego. O auctor viu-se idem para o metter no qu... adro. Pintura de IMPENCA.

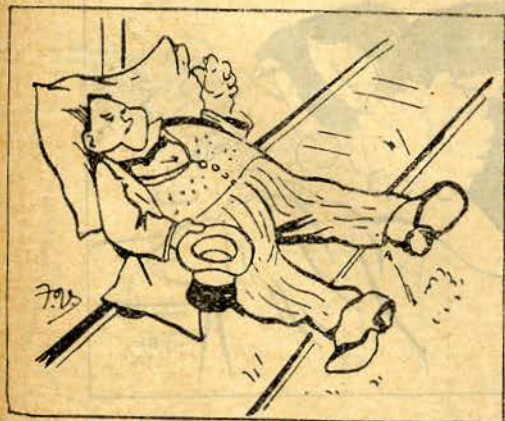


N.º 5 — Arthur Alves Cardoso — Busto a oleo d'um robusto menino. 1.º premio do concurso de belleza de creanças.



N.º 151 — Velloso Salgado — O Sr. Doutor Ricardo Jorge analysando os bacillos da peste... do seu retrato. Assumpto para duas columnas... d'Hercules, no MUNDO.

CONFRONTO



N.º 278 — Alvaro d'Oliveira — Original... (plagiado) tentativa de suicidio.



Abel Faivre — Emouvant suicide



N.º 219 — D. Maria Simões — Margiochi. — Um pastel... de carne magra em fralda de camisa.



N.º 80 — José Leite — Retrato do Ex.º Sr. A. C. quando era menino e moço... de padeiro.



N.º 7 Arthur Alves Cardoso. — Cara porca com tintas sujas.



N.º 20 — D. Branca Assis — Pintura assaz darwinista: A Catharina do Jardim Zoológico.



N.º 68 — Luciano Freire — O perfume dos campos... em carne e osso.



N.º 83 — D. Adelaide Lima Cruz — Em cima d'esta lata tem de ir meia lata.



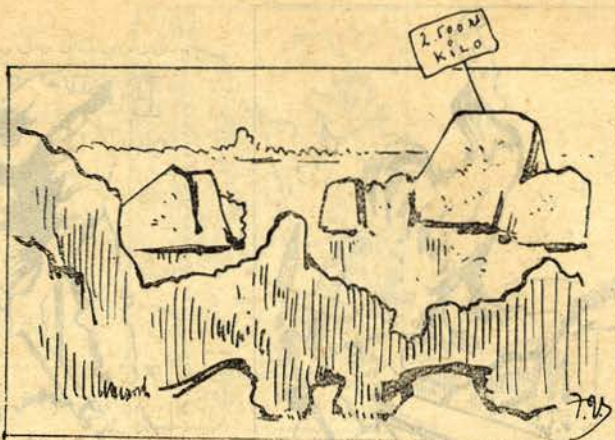
N.º 154 — Velloso Salgado — Nu... bil e cheia de bilis por causa das pulgas. Tire d'ahi a mãosinha e compre pós de Keating.



N.º 174 — D. Laura Sauvinet Bandeira — Uma hespanhola... que fuma. — Que grande pente.. na cabeça!



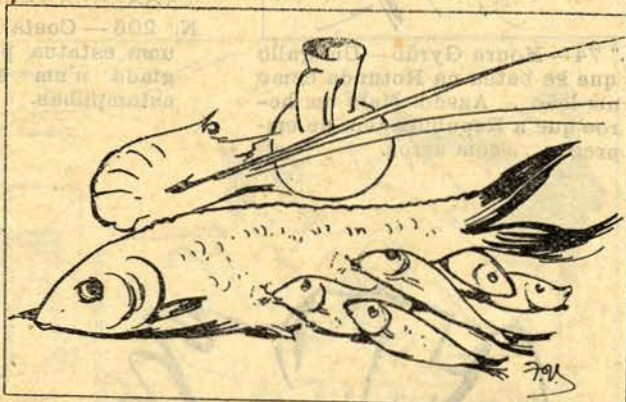
N.º 90 — Alfredo Migueis — Constipação causada por uma leitura fresca.



N.º 58 — Falcão Trigoso — Costas quentes... algarvias. Torrão d'Alicante... com nuvens de farofias. Pintura doce... d'água salgada.



N.º 181 — Simão Luiz da Veiga — Pastor de cache-col. Pintura quente para uma sala fria.



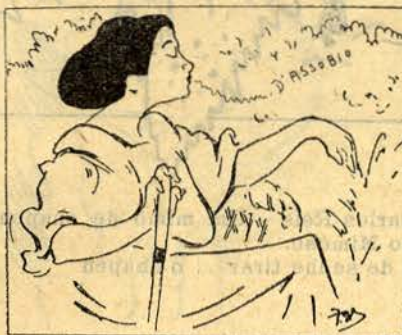
N.º 13 — Eloy do Amaral — N.º 13 e sexta feira, dia de peixe caro. O auctor pede 45\$000 reis. Um savel amamentando seis salmonetes.



N.º 128 — Carlos Reis — Que grande incendio! E não ha um bombeiro voluntario condecorado, que salve esta criança!



N.º 187 — Eduardo Affonso Vianna — Natureza... de má morte.



N.º 64 — Henrique Franco — Uma somneca à sombra... de sombrinha.



N.º 74 — Moura Gyrão — Um gallo que se bateu na Rotunda como um leão... Azedo. Mais um heroe que a Republica tem de empregar... com arroz.



N.º 206 — Costa Motta — Mais uma estatua para ser plagiada n'um concurso de estampilhas.



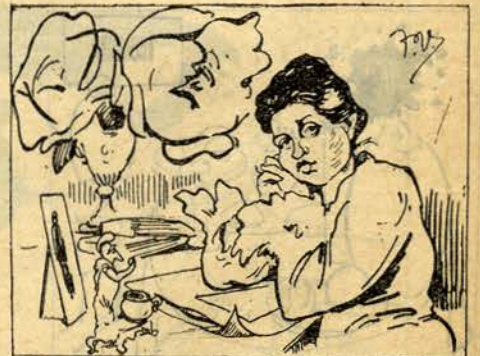
N.º 46 — José Pedro Cruz — O retrato dos sapatos da menina M. A. M. Estão muito parecidos, mas um bocadinho folgados.



N.º 123 — Carlos Reis — Um mimo de chapau, que parece réclame ao Mimoso. E' uma tela de se lhe tirar... o chapau



N.º 142 — D. Maria Gomes Roberto — O queijo flammengo tambem é de vidro?



N.º 176 — Trindade Chagas — Talvez lhe escreva .. Pintura com grandes flores... de rhetorica.



N.º 84 — D. Adelaide Lima Cruz — Maças quentes... e boas. Já tem as maçãs do rosto inchadas de tanto soprar! Se Eva fosse tão cautelosa com a maçã que deu a Adão, escusava elle de ficar com ella entalada... na garganta. E nós podíamos estar ainda gosando as delicias do Paraizo... de Lisboa.



N.º 113 — Joaquim Porfirio — Ribeira do Inferno. Paisagem de magica, levada de mil diabos.



N.º 26 — José de Brito — O Sr. abbade vae ficar como um padre. Tem cabeça de porco, gallo e gato por lebre. E ainda se pôde bater com a ama, que não é nenhuma peste!



N.º 4 — Arthur Alves Cardoso — Uma lição... de maus costumes. — Porque diabo deu a velha tanto vinho à cachopa!



N.º 208 — Francisco dos Santos — Um crepusculo de lua cheia. Quando o sol nasce é para todos...

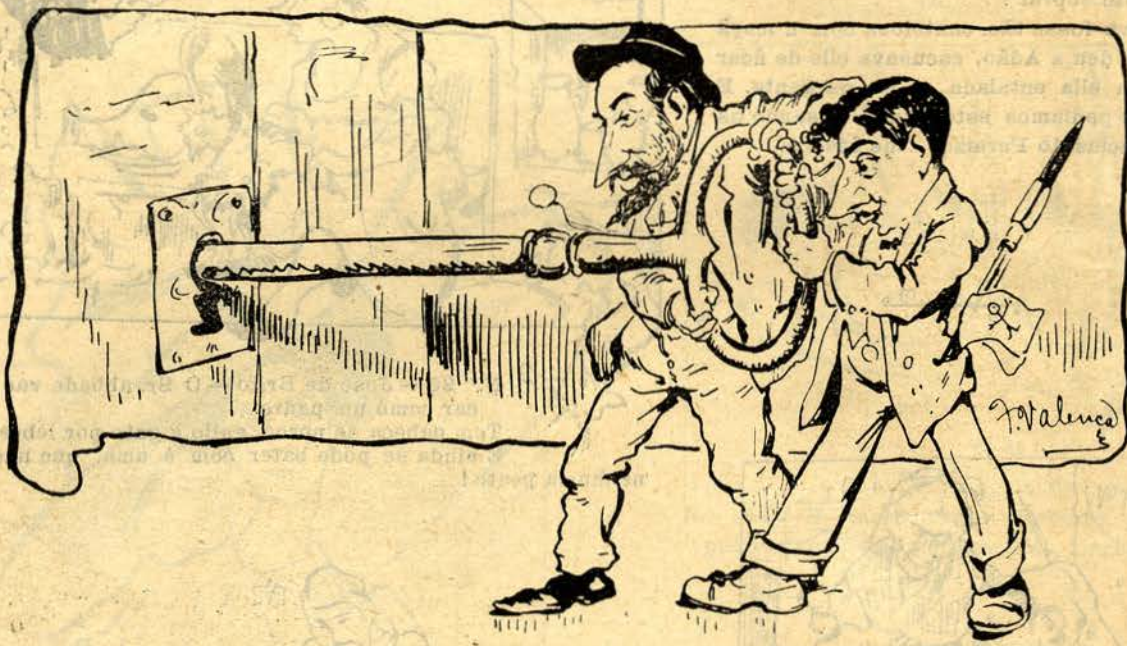


N.º 71 — Luciano Freire — Bucolismo facêto... comervas
(Prato de resistencia)

Temos dito... de ditos.

Felicitando a Direcção da Sociedade Nacional de Bellas Artes por ter acabado com o bric-à-brac da sala de pasteis, aguarellas e oleos... rançosos, pomos fecho, fechando este com uma chave... d'oiro.

23--4--911

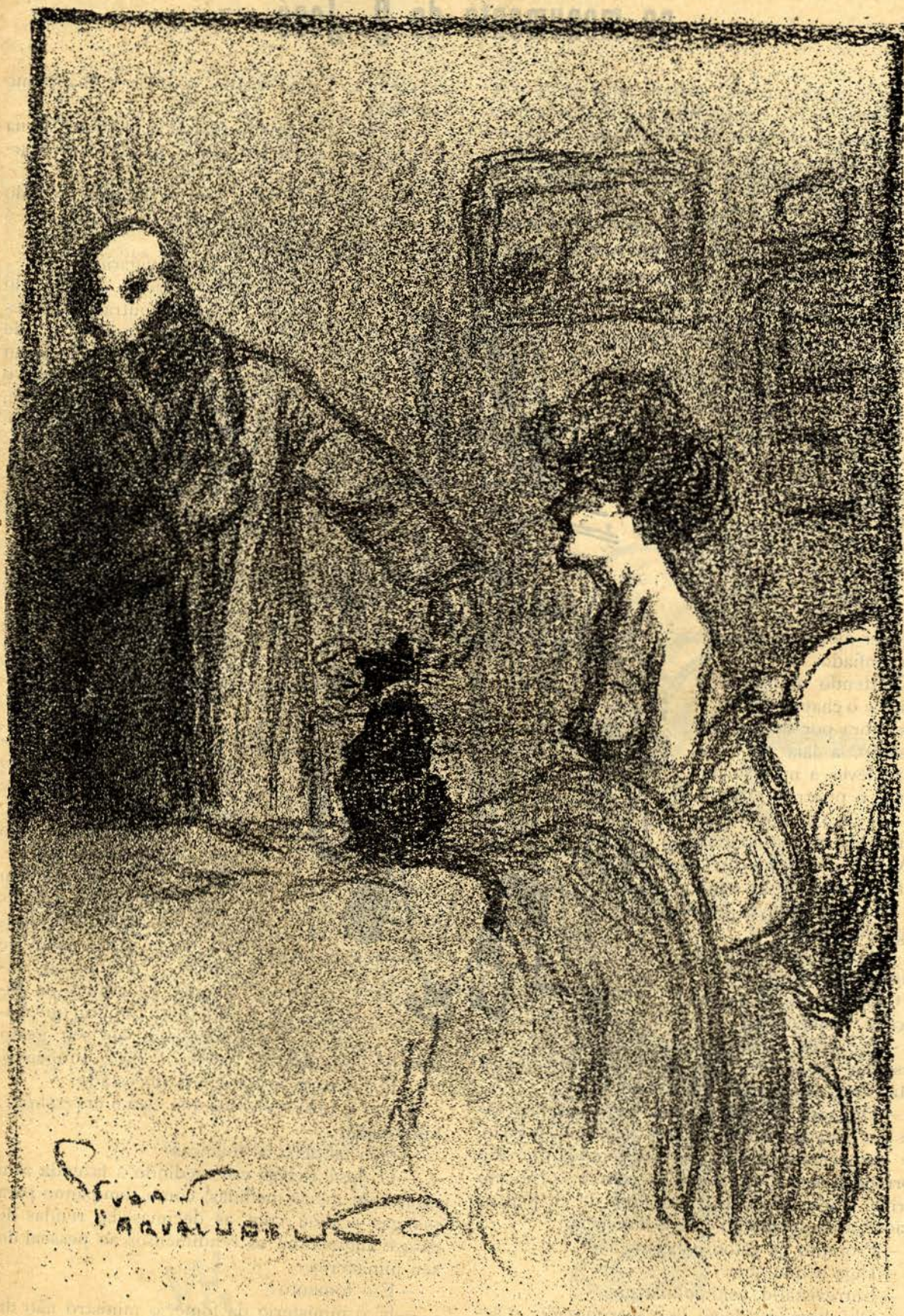


Echos do Congresso de Turismo



O Sr. Dr. Bernardino, palestrando com os jornalistas estrangeiros, apresentou-lhe os seus filhos e netos. D'ahi a instantes os pobres congressistas tinham as abas das casacas rôtas e os calos a arder, mas tiveram que achar muito interessantes os meninos e grama-los, por dever de cortezia.

A' DESPEDIDA



— Então teu marido é muito ciumento ?
— E' uma féral Imagina que para evitar de te encontrar cá em casa, só entra depois de te vêr sahir.

Desenho de S. Carvalhaes

Entrevista com o cidadão ex-marquez de Pombal, domiciliado no monumento de D. José

Era já noite cerrada, quando eu, a largo passo, atravessei o Terreiro do Paço. A'quella hora a grande praça estava deserta. Alguns kiosques abertos, esperam, em vão, freguezia, que lá não vae. Isto dos kiosques já deixou alguns cobres, agora o que se ganha não cobre a despeza. Na Allemanha, sim, todo o allemão de bom *tom* e que fuma, vae ao kiosque. Depois, entre nós, é mais uso e costume, de quem quer cigarrilhas, portuguezas ou hespanholas, ir ás çasas... de tabacos, vulgo tabacarias. Cá estou eu que só gasto e gósto de tabaco para cachimbo, de marcas francezas. Matutando n'isto e falando só, ouvi dar meia-noite na Sé.

Eis-me chegado. Por detraz dos varões... assinalados, do monumento, do alto do baixo relevo de bronze, o marquez, ao ver-me, encarou-me, desconfiado.

Mettendo os pés pelas mãos e o chapéu de sol... e sombra por debaixo do casacão, á laia de espadim, levei a mão ao feltro, e o pé atrás. Ficando de pé *atrás*, esbocei um cumprimento estylo Luiz XV. O marquez, carregando o sobrecenho e nosrr de certa palavra portugueza, disse-me:

— Ora... deixe-se d'isso.

Cada vez mais embaraçado, titubeei:

— Senhor marquez, desculpe-me V. Ex.^a de o vir incomodar a esta hora, mas a hora é solemne...

— Ora, ora, não esteja com cerimonias, bem sabe que estamos em tempo... de defeso, perdão, de democracia; e é defeso nos tempos que vão correndo, estar ahí parado, com o corpo em fórma d'arcosinho de triumpho e de chapéu na mão. Cubra-se, amigo que é lua cheia.

— Prompto, já estou coberto.

— Diga a que vem.

— Entrevistá-o, senhor marquez.

— Oh! homem, deixe lá o marquezado, o senhor bem deve saber que, hoje, os titulos não teem valôr, quando não sejam titulos... da divi-

da publica. Esteja á sua vontade e chame-me Sebastião.

— Então, se não sou maçador, diga-me a sua opinião ácêrca da historia e queda da monarchia.

— Ora, a monarchia caíu e morreu quando já não tinha onde cair morta. A sua vida não é uma historia, são contos...

— Do vigario?

— Exacto, contos do vigario e outras entidades religiosas, contos... de *reis*, contos sem conto para ministros, politicos e etc. Era uma coisa podre, que já deitava mau cheiro.

— Agora por mau cheiro, chegou-me um ao nariz, bem pouco agradável.

— Ah! isso é da maresia.

— Julguei que tivesse sido o cavallo do D. José, o Reformador.

— Perdão, o reformador fui eu, e elle o pau...

— De cabelleira, em caracoes, era da epocha.

— Isso mesmo.

— Diga-me, senhor Sebastião, o que julga do momento historico que atravessamos?

— Julgo que corre tudo ás mil maravilhas. O Dr. Affonso Costa expulsou mais uma vez os jesuitas e o Faustino da Fonseca, na mesma ordem de ideias... avançadas, extinguiu os frades da Bibliotheca Publica, que responderam ao seu gesto

fazendo-lhe outro da *rdem*... de S. Francisco.

— E a separação da igreja do estado?

— Isso é uma *egrejinha* que está n'um *estado*... interessante.

— Que tal acha as finanças?

— O José Relvas vae medindo a fazenda sem estar com meias medidas; como tem panno para mangas acabou com as decimas das rendas de casa e augmentou os rendimentos ao pessoal do seu ministerio.

— E o fomento?

— E' o ministerio da fome, o ministro não dá gratificações, nem compensações, nem serões, nem commissões, nem accumulações, etc. A re-



ceita, na sua mão, é receita... de medico, bem applicada e com limites, salvo nas padarias, que acabou com elle.

—E a marinha?

—Isso é uma *pasta*, que não é nem carne nem peixe... podre.

—Agora por podre, lá está outra vez o cheiro a maresia...

—Agora não é maresia, foi o cavallo.

—Que pitada!... E os estrangeiros?

—Lá temos o Bernardino, que para apertos... de mão diplomaticos e familiares, não ha como elle.

—E as reformas da guerra?

—Continuamos a ter um exercito de generaes reformados. O serviço militar é obrigatorio para toda a gente; nem os cegos escapam, esses como não podem ir para a tropa, custa-lhes os olhos da cara.

—E do interior o que me diz?

—O ministro é medico, mas como não é operador, não tem dado côrtes a valer. A molestia do interior... do paiz é obra para lanceta. E o ministro não se lança de lança em punho... e collarinhos altos a altos moinhos, que ainda moem muito *bago* á nação.

—Ainda mais duas perguntas; primeira, o que vê nas constituintes?

—Perto de noventa *espadas* que talvez mettam o poder civil em *copas*, fazendo-o dar por *paus*... e por pedras.

—Segunda, que me diz á restauração, vinda da Galliza?

—Só se entrarem a fronteira n'um cavallo de pau... corda e chinguicho como no cêrco de Troya; mas não me cheira.

—Cheira-me a mim, que fedor! Naturalmente foi outra vez o cavallo?

—Não meu amigo, agora foi o D. José. Os Braganças sempre se estiveram... nas tintas para isto.

A entrevista estava finda.

Dei as boas noites ao cidadão Sebastião José de Carvalho e Mello, não lhe *tocando nos ossos* por serem reliquia nacional que os descendentes ainda não largaram, apesar da boa vontade do sr. Braamcamp Freire.

Cá fóra, *dentro da praça*, corria branda a noite e o Tejo era sereno, e eu, serenamente, metti as mãos nas algibeiras e fui tomar o ultimo carro á Rua Augusta.

30-5-911.

CARLOS SIMÕES.



Scena familiar

—Disse ao Arthur que já não o amava e elle foi-se embora.

—Ora, não te rales. Eu, zangada, já disse ao teu pae, de quem tu eras filha e elle não acreditou.

CONCURSO HIPICO INTERNACIONAL

Por absoluta falta de espaço não damos agora a noticia d'este importante numero das festas do congresso turistico, o que faremos proxima-mente, illustrando-a com interessantes caricaturas.

Typos & Typas



Daupias falando com os seus numerosos botões.

RECORDAÇÃO

Recordas-te dos nossos gargarejos?

A' noitinha lá estava na viella,

Nariz no ar e olhos na janella

Para curar a febre dos desejos.

Saltava no meu peito o coração

Como o Elmo de Fára n'um torneio,

E começava então o devaneio,

Abria-se a torneira da paixão.

Suspiravas às vezes, minha amada,

'Spraiando o teu olhar pela amplidão

Onde a lua boiava prateada...

E ainda hoje duraria essa paixão

Se n'aquella cartinha perfumada

Tu não tivesses escripto curassão!



— Por ti dava o meu amor, a minha vida!
— Não é preciso dar tanto; bastam 2\$500.



Elle:

— E' certo que o papá de V. Ex.^a é capitalista?

— Mais que certo: deve ter uns trezentos contos.

— E a menina é filha unica?

— Salvo erro...

— Ah! ingrata! E ainda se atreve a duvidar do meu amor!

Ditos agudos e... bicudos

Entre criados:

— Então? Estás contente na casa? Teu patrão tem uma vida regular?

— Regularissima. Embebeda-se todos os dias à mesma hora.

Em caminho de ferro:

— A senhora está insupportavel. Está sempre a dormir em cima de mim.

Ella, acordando estremunhada:

— Ah, perdão! Estava agora a sonhar que viajava em burro...



— Pódes atar á vontade o sapato que não se vê nada!



FEMININA

No Club das libertadas

Lilia Ramos, sentada á secretária, abre cartas e telegrammas, passa-os rapidamente pelos olhos, resmungando entre dentes o seu conteúdo, e entrega-os a Luiza d'Arte que por sua vez os lê e classifica.

Abre-se a porta e Margarida Alvino entra como ar senhorial:

— Bons dias, queridas. Venho radiante!

— Então? — pergunta Lilia.

— Victoria em toda a linha.

— Conta.

— Depressa.

— Um momento. Deixem-me tomar folego.

— Lembra-te de que esperamos.

— Ahi vae. — E, sentando-se d'um salto sobre a carteira de Luiza, começou assim:

— Estive com o ministro. Concedeu-nos tudo! Teremos o fardamento azul com vivos amarellos e galões doirados; as divisas e insignias são as mesmas que usavam os homens.

— Bem, muito bem — interrompeu Lilia n'um tom grave e contido, passando a mão pelo queixo ponderado que copiára do advogado que morava no primeiro andar do seu predio.

— Claro que o uniforme de campanha soffre modificações absolutamente necessarias, e que ao grande uniforme, áquelle que para nós mais importancia tem, foram convertidas todas as futilidades desejadas. Assim, um manto vermelho, semelhante as das commendadeiras de Aviz, na fórma, será preso no hombro esquerdo caindo em pregas elegantes que n'um gesto regulamentar apanharem no braço direito, o que nos dará immenso relevo e elegancia á estatura. E no hombro do manto gravar-se-ha um emblema soberbo a oiro...

— Deve ser soberbo! — exclamou Luiza d'Arte.

— Nem tu imaginas! A mulher-militar vae offuscar todas as outras... E' certo que a béca é importante e que a mulher-advogada tem esse lindo ornamento; mas não o póde pôr senão no tribunal, enquanto que nós vestiremos a farda em toda a parte...

— Até por uma modista economica.

— Claro, claro não será brincando que os jornaes dirão que já estamos uns *homensinhos*.

— No entanto é forçoso confessar que muitas mulheres estão furiosas com o caminho que o feminismo vae levando.

— E' certo que progride mais do que muitos desejam; comtudo hão-de habituar-se á ideia dos direitos e deveres eguaes.

— Uma cousa ha — disse Luiza hesitando — que me deixa indecisa.

— E é?

— O perigo d'uma campanha. Muito poucas mulheres se atreverão a ella... o atrazo... os pessimos habitos ainda arreigados... Os precalços que se não podem muita vez evitar.

— Oh! eu respondo por nós! — disse orgulhosamente Margarida, abanando-se com um jornal tirado de cima da mesa. — Está calor!

— Muito.

— E' uma trovoadá que desde pela manhã anda a pairar.

— Não vale nada. Esquecia-me ainda dizer-lhes que a espada será substituida por um espadim doirado de fórma elegante, leve e util.

— Ficaremos gentis!

— E depois dos vinte aos vinte e tres annos isso dá-lhes umas vantagens enormes. Então podem casar sem ter a resalva, e isso mesmo lhes proporcionará noivo certo. A mulher-soldado vae triumphar das outras.

— Agora riem-se, mas hão de v. r. . .

— Asphixia-se aqui.

— Abre a janella.

— Eu só o que queria era poder mostrar . . . ter ensejo para provar aos homens que a nossa coragem não é inferior á sua.

— Has de tê-lo — affirmou Lilia — assim como nós, medicas e advogadas, lhes demonstrámos já que no talento somos eguaes e na perspicacia superiores.

— Que medonho relampago! — exclamou Luiza assustada.

Margarida encolheu os hombros contrariada:

— É um lindo effeito metereologico.

Lilia apprehensiva disse:

— A trovoada parece que se approxima . . .

— Qual? está cada vez mais longe.

Mal Margarida acabou de pronunciar estas palavras um estampido medonho echoou por cima das suas cabeças, e pedaços de vidro, que uma faisca estilhaçou, juncaram o chão.

Luiza soltou um grito e desmaiou. Lilia deu uma gargalhada horrivel a que se seguiu uma crise nervosa.

Margarida, vendo uma inerte, estendida no tapete, e a outra estorcendo-se em esgares e contorsões, apoiou-se horrivelmente pallida á humbreira da porta, murmurando:

— Oh! a hereditariedade! . . . quantos seculos serão precisos para fazer desaparecer o medo em nós?

Depois, n'um accesso de raiva, exclamou:

— Se isto se sabe, lá se vae o uniforme da gala, o manto e todo aquelle esplendor de que eu já estava fazendo a minha gloria.

E correndo, ora uma, ora a outra, conseguiu reanimál-as.

Entra um visitante e Margarida, lançando um olhar poderoso e eloquente ás suas amigas, affirmou-lhe logo depois de trocados cumprimentos:

— Duas heroínas. Entrou aqui uma faisca e nenhuma d'ellas pestanejou. Estas mulheres são homens para tudo.

Ellas muito commovidas ainda ouviram em silencio o elogio; mas quando o homem saú lançaram-se chorando nos braços uma da outra:

— Não queremos; não queremos assentar praça.

— Mas porquê, senhoras? porquê?

— Temos mêdo.

— Por causa da trovoada? que tem isso com . . .?

— Tem tudo. A mulher ante o perigo desnortheia.

— Tens razão. Não quero. Não assentarei praça.

Margarida n'um supremo desespero perguntou:

— É então a farda? perdemos a farda?

— A farda que vá para o diabo. Antes perder tudo do que ter sustos.

— Então vocês não querem?

— Vamos protestar. Reconhecer um erro a tempo de o emendar não fica mal a ninguem.

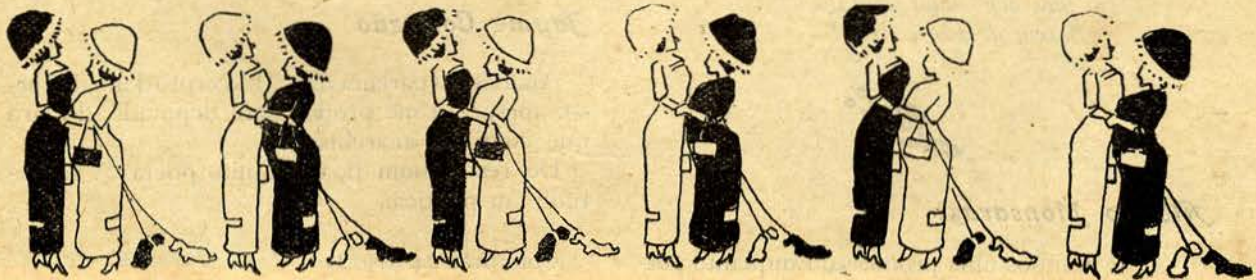
Margarida que a custo sustinha as lagrimas, deu-lhes livre curso, exclamando:

— Perder a mais elegante, prompta e economica *toilette* de baile por causa d'uma trovoada! . . .

é triste. . .

E, durante segundos, os seus soluços commoveram as duas amigas, que comprehendiam o seu desgosto sem ter alma para lh'o minorar.

MARIA O'NEILL.



Geração Nova

Está no prélo. E' um livro do nosso 1.º crítico Veiga Simões. (Não confundir com o Veiga da *Reacção decidida*).

De ha muito relacionados com este intenso e profundissimo pensador, tivemos o prazer de procurar S. Ex.ª na sua archi-luxuosa installação do *Hotel de Inglaterra* onde nos foi permitido colher, do seu extraordinario livro, alguns dos trechos mais incisivos sobre a moderna geração litteraria:



Do Prefacio:

A geração nova é espantosamente cretina.

Nenhuma ideia, nenhum pensamento, nada de caracteristico. Leiam a minha *Geração Nova!* O fallecido Antonio Correia d'Oliveira teve algumas paginas boas; poucas, mas emfim traduziam alguma coisa da alma emocionante da raça... Hoje nem isso. Morreu!... Morreu... para as minhas relações (fui eu quem cortou as relações!)... e portanto para a litteratura.

Agora só o Antonio Patricio. Ah! Leiam a *Geração Nova*. Os unicos que se salvam somos eu e o Patricio!



Cardoso Martha

Como mentor da «Geração Nova», tenho aconselhado a este litterato que se emancipe do vulgar e do contacto das pompas pelintras. Recommendei-lhe Carlyle e bailes de embaixada. Todavia Cardoso Martha continuou a ler a «Sattyra» e a frequentar os bailes da Escola Academica, do Transmontano, do Lyceu Camões... e eguaes. Por isso as suas impressões de arte são pêças e deterioradas. Um exemplo:

*Toda a gente chama às perolas
dos teus dentes—um collar.
Só lhes acho uma vantagem:
—Serem de pôr e tirar!*



Alberto Monsaraz:

Foi em tempos uma promessa. Emquanto pertenceu á minha *cóterie* foi um poeta cheio de nobreza, sobretudo em verso. Mas o *Romper*

d'Alva acaba de o revelar excessivamente *Pa-pança* e o *Sol Creator* enormemente *Simões!* Degenerou. Dito isto, tenho dito tudo.



Antonio Monforte (vulgo o Sardinha).

Ah! os effeitos, os perniciosos effeitos do concurso de Salamanca! Desde então... tambem o Monforte se perdeu, tambem degenerou. Tendo saído menino e moço da minha convivencia, d'uma virgindade meticulosa e fragil, as suas antigas qualidades de emotivo agarrado á terra e aos mortos perdeu-as no convivio de lettrados deshonestos, de escriptores *pechotes*, que lhe fizeram esquecer o preceito supremo da harmonia natural e da acção mascula e victoriosa! Por issa o *Tronco reverdecido* foi a sua mortalha.



Lopes Vieira e a Dansa do Vento

Augusto Rosa completa Lopes Vieira. Quem lhes conheça as linhas irreprehensiveis, do porte e da conducta, facilmente comprehenderá como o *Vento do Affonsinho* se casa n'um idyllio gentil com a voz sonora e terna do grande Augusto. Dois bons camaradas... e amigos. O que nos faz pensar quanto andarã desgostoso e rala-de coração o nobre conde de Monsaraz!...



Alfredo de Guimarães

Um bom moço e um bom estomago



Jayme Cortezão

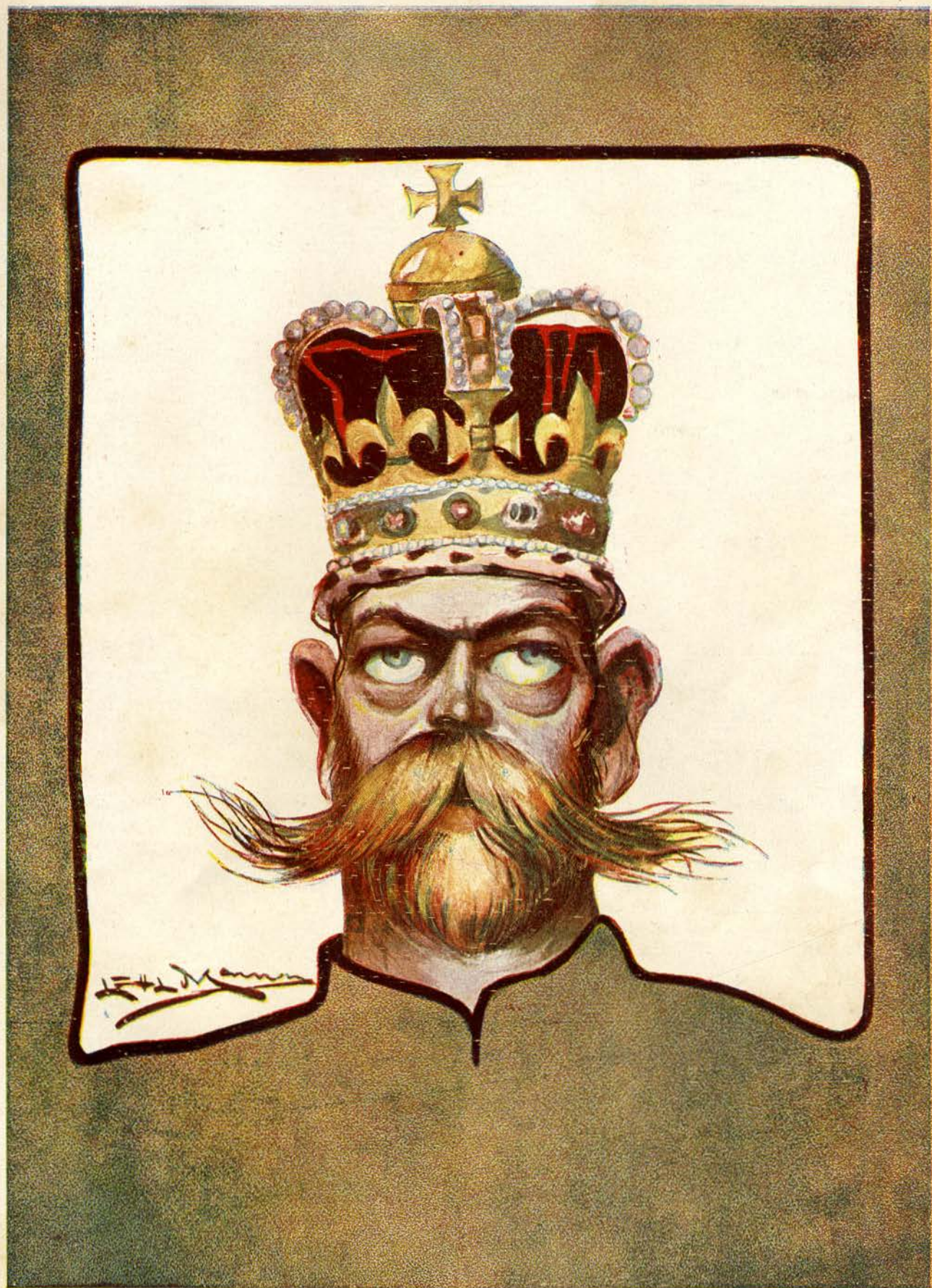
Anarchista parlamentar. (Excerpto d'um discurso: apesar de me propôr para deputado, declaro que continuo anarchista).

De resto, bom poeta! Muito poeta... sobretudo em politica.

Coimbra, 24-5-911.

IGNOTUS.

Chefes de Estado



Desenho de LEAL DA CAMARA

II – JORGE V, Rei de Inglaterra

O «Garden-party» da Estrella



— Você não vai ao «garden-party»?
— Não tenho vontade; almocei tarde...

Desenho de J. Guerreiro

Scipião por eleição abicha a sua promoção



Scipião Congundes d'Alcoforado Eixo Ribaldeixo Caramello Pau do Eixo, como pomposamente assignava, pertencia á cathgoria d'aquelles que nasceram com uma estrella na testa. Sim, porque nós não sabemos se o leitor sabe como o philosopho Tiberio, grande amigo de Silva Pinto e má-língua como elle, classifica as creaturas, quanto ao destino. O outro classificava os vegetaes em vegetaes que se comiam e vegetaes que se não comiam. Tiberio classifica os homens em homens que nascem com uma estrella na testa (ao que o povinho diz que choraram na barriga da mãe) e homens que nasceram com um corno no... sim, senhor, é tal e qual. Vê-se que o leitor vae estandô elucidado.

Ora Scipião chorára no ventre materno, mas até á data isso nada lhe aproveitára. Elle dizia muitas vezes: «Eu nasci n'um folle». Mas cumpre dizer que elle dividia para seu uso os que nasceram no bico, isto é os infelizes; e os que foram depositados na camara de ar, isto é os bafejados pela sorte. Não lhes parece que isto seja uma philosophia?

Pois Scipião até á modesta idade de vinte e oito annos não passára ainda da cêpa torta. Era amanuense ou coisa que o valha.

Amanuense? Menos. Addido, escrevente qualquer coisa que lhe dava apenas, não mettendo agiotas e adeantamentos, dezeseis mil e tantos réis. Ora imaginem os senhores o que Scipião faria a tal dinheirama! Construir um prédio? Fundar um banco, emprestar sobre hypotheca, comprar papeis de credito? Qual?!

Ainda bem o dia I não chegara e já Scipião se sentia vigiado por varios individuos de catadura féra e suspeito aspecto. Um se avantajava. Era uma figura hórrida, a que Scipião costumava referir-se na secretaría em versos que elle asseverava serem da sua meninice e de uma subita inspiração:

«Meninos! (Meninos dizia elle aos collegas) é

*uma figura que os ares escurece
e sobre as nossas cabeças apparece.*

Esses individuos e essa figura que tinha no mundo a profissão de alfayate levavam-lhe o que os agiotas e a Caixa Geral lhe deixava. E Scipião ficava á divina. Ficava como se fosse assaltado por um bando de malfeteiros, em sitio só e a deshoras.

Scipião era habil. Falava bem, tinha lábia e gostava de bem vestir. E é que andava sempre um *lord*. Como o conseguia? Mysterio profundo, esphingico, indecifrável. Ninguém o sabia. E os que estavam costumados a ver Scipião Ribaldeixo um *gentleman* nada estranharam quando o viram director geral. Os collegas é que foi o duro e deve-se á inconfidencia escamada de um o capitulo que vae lêr-se:

II

Como Scipião alcança ser director geral e do mais que ao deante se verá...

Scipião não possuia *chêta*. Mas tinha um tal *aplomb* que todos o suppunham millionario. Sempre na brôa, que é como quem diz na *ponta da unha* (*), Scipião Caramello Pau do Eixo tinha tambem tres filhos, mulher, um gato, um papagaio, um pardal, um canario, varias carochas em casa e varios *ganaus* na cabeça dos petizes. Ora com uma familia d'estas, n'um tempo d'estes, como não ha de um *cara-unhaca* ser pobre, Mas Scipião não se apoquentava. Devia a toda a gente, mas tambem quem é que não deve?

(*). Phrase em calão que quer dizer *todo triques á beirinha*.





Caloteava ás vezes, mas tambem quem é que não caloteia? Quando já tinha exgottado um bairro, mudava-se para outro no extremo opposto da cidade.

O Beato já não fiava? Mas então para que tinham feito Santa Izabel? S. Nicolau sustára o credito, mas para que haviam feito S. Mamede?

A' altura em que esta historia começa, já Scipião morava no Coração de Jesus ha uns bons dois annos. No Coração de Jesus e no coração dos fornecedores, que ninguem tinha cara para lhe dar com o... basta. Ora Scipião devia ao padeiro, ao tendeiro, ao carvoeiro, ao sapateiro, ao alfayate, ao perfumista, á florista, ao droguista, ao estofador, á botica, ao padre, ao sachristão, ao livreiro, ao *restaurant*, ao homem do vinho, á Companhia das Aguas, á Companhia do Gaz, aos amigos, ás amigas, a Deus e ao Diabo. Mas não devia o que toda a gente deve. Devia quantias fabulosas. Ao carvoeiro de carvão, bolas, cisco, carqueja e *pitroleo* 16\$000; ao merceeiro 185\$755; ao alfayate, e era este o segredo da sua força, tres fatos, um *smocking*, dois sobretudos, dois *fracks*, tres colletes, uma sobre-casaca e um sem numero de pares de calças. Uma de fazenda, da authentica, outra que o alfayate apanhára a correr atraz do seu rico dinheiro sem o conseguir. Ao padeiro de pão e roscas um rôr de massa. E era uma nunca acabar.

Foi isto no tempo da monarchia. Pum cá, pum

Scipião Conegundes d'Alcoforado Eixo Ribaldeixo Caramello Pau do Eixô começa a dizer a todos que seria breve nomeado ou promovido, que a sua nomeação estava á bica, que não demoraria ahí *uma loge de brabeiro* que não viesse uma inundação de massa. E todos esperaram e fiaram. Mas dias passaram e a respeito de nomeação, qual carapuça! Via os outros ser nomeados e mesmo elle não tinha probabilidades nenhuma. Aquillo da nomeação era uma balélla sem pés nem cabeça. Mas os fornecedores esperaram e já a familia de Scipião tinha devorado um vagon de viveres e a divida era um Himalaya de cifras. O *Diario do Governo* vinha. Scipião lia nomes. Não vinha o seu. E era uma diatribe contra o governo. Ingratos, ingratos, corja! E Scipião que reunia todas as noites na botica, onde se reuniam quasi todos os fornecedores, commentava. Os fornecedores commentavam e gemiam.

Um dia os fornecedores consideraram:—Bem. Visto que o governo se esquecia, necessario era que elles se mexessem. E determinaram metter n'isso as commissões parochiaes. Calhava bem até, pois o droguista era presidente, o tendeiro secretario, e além d'isso facil era arranjar as commissões dos bairros visinhos onde Scipião começava a estender a divida.

Accordou-se em pedir ao governo, e uma tarde as commissões puzeram-se em marcha com uma



lá, pum aqui' pum alli, pum na Rotunda, pum em Alcantara, plantou-se a Republica. E eis que

representação. Commissões, parentes, adherentes, creados, empregados, publico alheio e pu-

blico de casa, o gato, alguns cães que pelo caminho adheriram, e eis que vae tudo a caminho do ministerio do interior. Ao todo mil e quinhentas pessoas.

Pensaram os fornecedores:—Se o fazemos director geral o typo paga.—Pensava o Scipião:—Se me apanho director geral...

Era um cortejo imponente. Recebido pelo ministro após o vivorio, o ministerio todo se interessou por creatura, tão popular e tres dias depois Scipião Conegundes d'Alcoforado Eixo Ribaldeixo Caramello Pau do Eixo via no *Diario* o seu despacho:—Director geral nem menos, posta mystica que chegava mesmo á tabella.

Pensavam os fornecedores regosijados:

—Agora paga com certeza—e aparavam a pena para tirar a conta...—Isto é o que elles pensavam.

Scipião, antes, pensára: se me apanho director geral... mudo-me.

Depois... depois mudou-se!...

A. F. SAMPAYO.



Des. de Carvalhaes

MAIS UM...

Como todos sabem a grande monomania moderna é o — concurso. Concurso de bichos, concurso de belleza, concurso de photographia, concurso hyppico, concurso a empregos publicos...

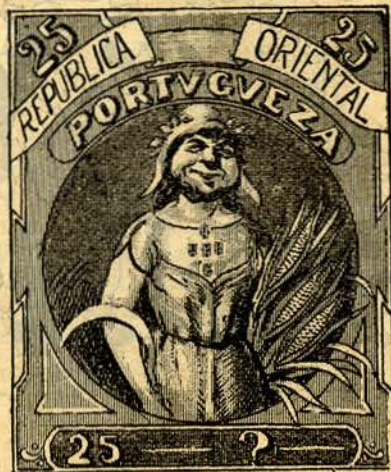
A *Satira*, sendo uma revista vasada em moldes modernos, e que se préza de acompanhar o progresso em todas as suas phases, não podia cruzar os braços a esta grande corrente social. Assim, deliberou concorrer ao concurso dos concursos, e tendo-lhe passado o pretexto á vista, foi-lhe no encaço e filou-o pelos cabellos. O qual pretexto era — estão mesmo a vê-lo — o concurso de artistas nacionaes a um premio dado ao melhor projecto de estampilha postal que fosse apresentado dentro do desejado espaço de tempo.

A commissão nomeada approvou dois projectos a quem conferiu os premios. N'isto levam

tu-se uma celeuma medonha, no fim da qual vem á suppuração que os referidos projectos foram desalmadamente copiados — um d'uma esculptura conhecida, outro d'uma modesta e já esquecida capa d'uma *Illustration* de ha annos! Bem verdade é «que ninguem as calça que as não borre»; e aqui temos nós em calças pardas, não tanto os homensinhos que *inventaram* a obra de outros, (porque de sobra conhecemos a originalidade da moderna arte portugueza), mas o jury que lhes premiou o invento.

A gente cá de casa — redactores e collaboradores — não adheriu ao concurso. Mas perante a catastrophe derramou quatro lagrimas de saudade á fallecida inspiração nacional, e deliberou unanimemente salvar a honra do convento, anulando em consciencia o concurso official, e abrindo outro, cá de casa, onde pôde encaixar quem quizer, na certeza de que só serão admitidos filhos legitimos. Nada de perfilhações. *Mon verre est petit, mais je bois dans mon verre...*

Já hoje as nossas paginas se honram inserindo os primeiros projectos apresentados.



Des. de Alf. Candido



Conferencia acompanhada de caricaturas, que se realisaria no Chiado Terrasse, se o auctor estivesse para isso convidado.

Senhoras e senhores:

A Escola do Exercito é uma especie de edificio, que fica alli na rua Gomes Freire mesmo defronte de Rilhafolles.

O transeunte, que descuidado vá passeando protegido pela sombra das arvores que rumorejam pelas ruas d'aquelle bem-quisto bairro da Estephania, aspirando a brisa perfumada dos jardins e olhando o doce céu azul, muito azul, que lá em cima n'uma apothese de luz causa a inveja dos estrangeiros e o desespero dos monarchicos, que o não conseguiram pôr no prego, o transeunte descuidado tem a impressão, quando entra no edificio, que passou o limiar do celebre manicomio.

E se fôr agora durante os trabalhos practicos dos doentes, digo, dos alumnos, ficará perplexo vendo-os convictos, percorrendo o espaço da cêrca a passadas bem medidas e olhando por canudinhos de latão, coisas mirificas espetadas a distancia no solo e mais se lhe arreigará esta convicção ao vêr saltitando d'um para o outro lado e afagando-os



...o encanto do inimigo e o terror das mulheres

como que querendo levál-os por boas maneiras um homem rosado e loiro.

— Que mania tão singular! — pensará o espectador d'esta scena.

E afinal como se engana — o que elle toma por maniacos, não é mais que meia duzia de alumnos exercitando-se nos trabalhos de topographia e a creatura que se lhe afigurava o enfermeiro é no fim de contas o official instructor.

E posto isto, duas palavras sobre os habitantes da escola: os cadetes.

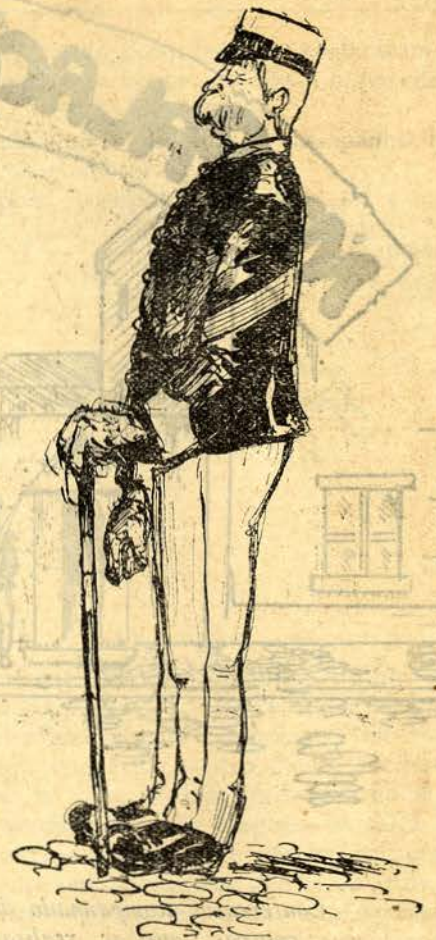
O cadete é um dos animaes mais curiosos do nosso exercito.

Ha-os de diferentes especies, mas todos elles têm de commum o mesmo traço: a infinita basofia e a extrema pelintrice.

Sim, meninas casadoiras que suspiraes quando elles passam vistosos nos seus encarnados, e sonoros nas suas esporas tilintantes; sim, paes de familia que ambicionaes para as vossas filhas *aquelles partidos*; sim, mamãs quarentonas que acariciaes em sonhos a ideia de aproveitardes o impedido do vosso genro como pau para toda a obra, não vos fieis; tudo aquillo é illusão, puro engano, o classico por fóra cordas de viola e por dentro pão bolorento. E vós outros, ó estudantes dos lyceus, ó caixeiros apinocados, ó civis namoradeiros que tendes infinitas vezes chorado lagrimas amargas por verdes as vossas Dulcinéas traidoramente fecharem sobre as vossas bochechas, maceradas pelo desgosto e roidas pela paixão, aquellas janellas, de que um quarto de hora volvido, as infames ingratas derriçam furiosa e perdidamente com elle, com o rival feliz — o cadete — como vós tendes razão em



O engenheiro (official de gabinete)



Um bravo do Mindello...
Depois de varrer o inimigo varre os degraus do atrio

lhes chamardes o que lhes chamaes e como infelizmente são bem cabidas as vossas palavras de censura.

Eu conheço cadetes que na rua dão a impressão perfeita do official germanico, que nos admanes dão a illusão authentica de que assistimos a um desfilir de Moltkes e que vós, ó pobres serigaitas dependuradas das janellas do Conde Redondo e da Baixa, seguis anciosas, o peito arfando de paixão, que desejaria bem poder mostrar na Escola á noite, depois do recolher, sem o *manto diaphano da phantasia* que lhes cobre a plastica amarella.

Tenho pena de que as raparigas, que se estão dando ao trabalho de me ouvir, não me possam acompanhar na visita que vou fazer atravez dos quartos dos diferentes *D. Fuans* irresistiveis.

Aqui, por exemplo, vês aquelle calçando sobre uma meia esburacada e negra, d'onde espreita qualquer coisa com manchas duvidosas e o aspecto de dedos, umas botas altas de irreprehensivel talhe. As botas não são d'elle.

Além um está pondo um collarinho esterlicado e brilhante e... não tem camisa. Acolá aquelle compõe com papelão e arames a fórmula que admiraes no seu *képi*.

Perguntae áquelle, que pavilhão é esse que contorna a rua para o lado do Hospital Estepha-



nia e é certo que elle vos dirá ser a cosinha. Mentira; é a casa de banho e a chaminé, que elle toma como pertencendo ao fogão, faz parte da fornalha do esquentador da agua.

E são todos assim... Os cadetes estão divididos em cinco classes: Engenharia, Artilharia, Cavallaria, Infantaria e Administração Militar.

A *Engenharia* é uma desgraça: tem o symbolo da intelligencia na gola como disse um mestre famoso, e pena é que as golas não falem para ao menos fazerem melhor figura, que as cabeças dos possuidores.

Sempre mal vestidos para se darem ares de philosophos e sempre taciturnos para fingir que pensam. Afinal mal vestidos por terem mau gosto e sempre calados porque o silencio é de ouro e elles são muito mal remunerados.

Crettineti quer ser lente ou um modelo da Artilharia

A *Artllharia* um pavor! Dizem que peor que um caçador a falar, só outro caçador, pois aqui peor que o artilheiro a dizer mal da engenharia só o inverso. Depois como estão costumados a lidar com peças são absolutamente incapazes de vos comprehender; ó organismos subtis e delicados que formaes o sexo fragil.

Imaginae que para elles uma mulher feia é um *canhão* e que levam a zombaria até ao ponto de vos classificarem em Krupp de diferentes calibres. A um artilheiro na rua do Ouro ouvi eu dizer d'uma respeitavel mãe de familia: Caramba! Isto é de calibre 34. Em nada imitam o seu modelo. (*n'esta altura o caricaturista pinta o modelo*).

A *Cavallaria*, calculem o que será. Uma de vós que passe a seu lado gentil e leve, graciosa e perfumada, deslisando como uma deusa radiosa, arranca a um d'aquelles barbaros uma exclamação como esta:

— Enã rapazes! que fina estampa e que garupa!

Talqualmente falassem do *Rasca* ou do *Alveiar*, seus cavallos predilectos.

A *Infanteria* anda a pé: está classificada. São dsformes: ou esguios como cyprestes, ou qua-

drados como saccas de cebo. Apenas se preocupam com as promoções e o pret, são dignos discipulos do seu mestre. (*n'esta altura o caricaturista pinta o modelo da Infantaria*).

Resta a *Administração Militar*: São as *donas de casa* do exercito. Excellentes cosinheiras mas... mais nada.

De resto não vos servem. Só amam creadas de servir. E' a attração do cheiro a refogado da cosinha domestica e do fedor a rancho do quartel.

E ahi tendes postos a nu os diferentes typos de cadetes, que as vossas imaginações desejam e que perturbam os vossos sonhos.

Como vêdes, é bem triste o seu verdadeiro aspecto. De resto, era fatal. A gente resente-se sempre do meio em que vive e confessem que d'um ambiente assim...

(*N'esta altura o caricaturista pinta os restantes monos*).

...nada havia a esperar de geito.



Pois se os lentes... são todos de diminuir.

Com raras excepções o vidro de que são feitos é ordinario. Não ha maneira de deixarem passar um raio de luz. Nem o raio X. Julgo mesmo que nem um raio que... os fragmente.

Ouçam o que d'um delles diz um poeta satyrico:

O prototypo do Infante

(O illustre diseur Chaby, rebola até ao proscenio e recita:)

AO VEIGA

Soneto de PUXAFRICTOR

«Rectaguarda, voltar... Mal feito... Vá,
«Quero ver tudo manobrar á voz.
«Primeira fórma... Ande, mande lá...
«O' Sôr Mathias queremos ficar sós...

«O' meus senhor's, ó meus senhor's... (perdão...)
«Fazem favor de vir a esta peça...
«Eu não quero vêr rir ninguem, senão...
«O' Senhor Braz, levante essa cabeça!...»

E a voz do Veiga, estridula, rugosa,
Cae nos ouvidos dos cadetes tensos
Como uma trovoadá rumorosa.

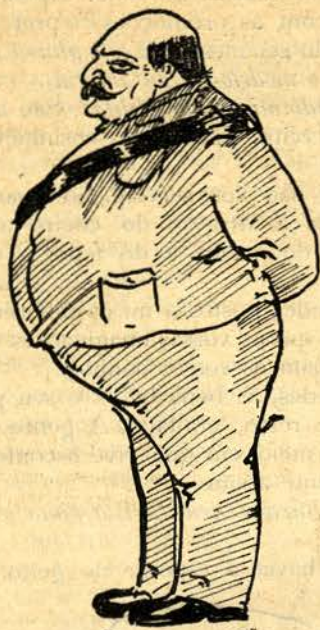
Toca a alto o clarim. Ficam suspensos
Todos e o Veiga estende a mão nervosa:
«Mas os senhor's são tantos!... São immensos...!»

E' assim mesmo que elle é. Agora admirem-se que se saia da Escola como se sabe. Nem percebo como passei incolume aquelles dois annos.

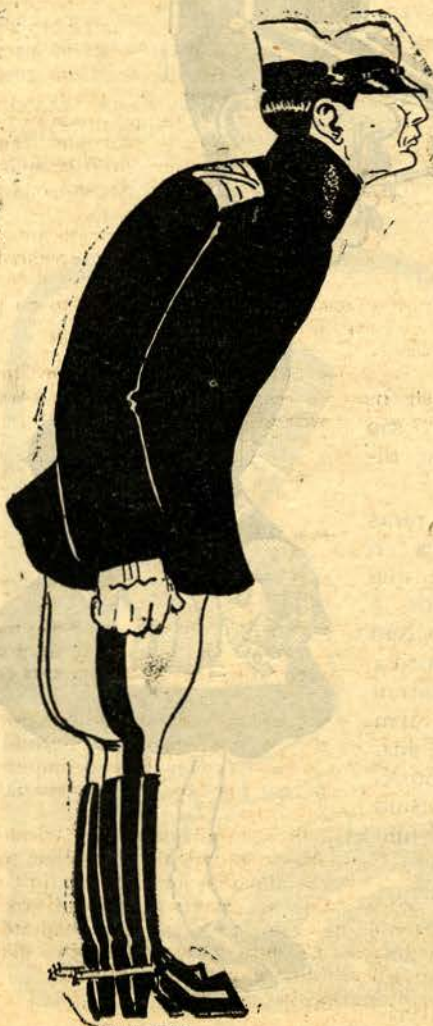
E se depois do que acabaes de ouvir, meninas, ainda persistis em namorar—os cadetes da Bemposta—é que seguramente tendes menos vergonha do que eu pensava. Disse.

(O barulho deve ser phantastico. Gritos de protesto, fanaticos das Soizas e crises de nervos das Pires. Os paes erguem os bengalões. Os cadetes formam bicha á saída para me desancarem. São corrido, por uma porta travessa—com a mesma cara que o snr. Oliveira Simões me viu quando me deu aquelle zero em Explosivos. Recordá-se?

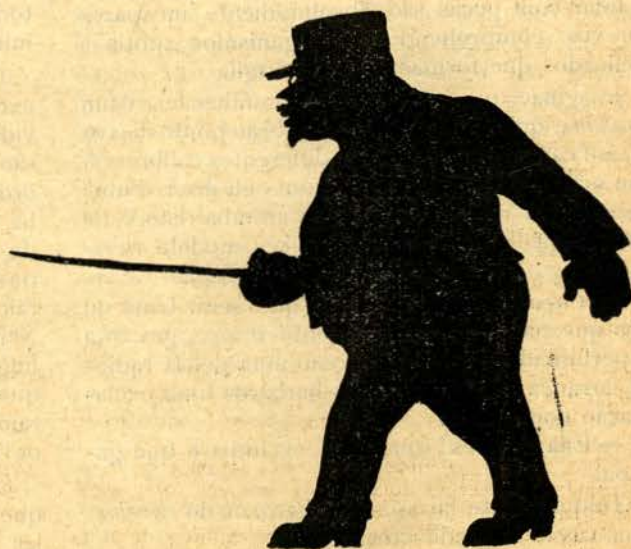
Ex-cadete SILVARES



Schackman, antigo luctador retirado do ring por estar peor da perna



Uma belleza de cadete



Horacio Ferreira
D'Artagnan na disponibilidade

A republica defende-se

A republica nascente, não descurando nenhum dos interesses da Patria, publicou no *Diario do Governo* do dia 17 de novembro de 1910 uma epistola contra os ratos.

Assim como para as pulgas, baratas e percevejos ha os pós de Keating, e os charlatões de feira proclamam as sublimidades do pó de Perlímpimpim, assim o ministro do Interior no seu inflammado decreto acha o elixir contra os ratos.

O dr. ministro do Interior não pôde passar sem organizar alguma coisa; e na falta de melhor organiza uma santa cruzada contra os ratos.

Houve uma carbonaria que trabalhou activamente para a implantação da republica: é preciso uma outra carbonaria para matar a rataria.

Ouçamos o que diz o decreto:

—Recorreu-se como arma de combate a todos os processos conhecidos e inventados de raticidio, organizando-se caçadas systematicas; formaram-se nucleos associativos de ligas voluntarias d'exterminação do animal..

De tudo isto se segue que os processos conhecidos não foram inventados, e que os inventados não são conhecidos, visto que o decreto põe differença entre uns e outros.

Organisaram-se caçadas systematicas: estamos d'aqui a vêr os discipulos de Santo Humberto d'espingarda ao hombro, polvorinho a tiracollo e perdigueiro a dar caça á rataria. Outras vezes fazem-se montarias em regra, como quem vae á caça do javardo.

O que, porém, mais dá no gotto são as ligas raticidas voluntarias.

Imaginem a «União raticida Luciano das ratas», com mil e tantos socios a pagarem a sua quota mensal e organizando de vez em quando um passeio... fluvial pelos canos da cidade á pesca das ratazanas!...

Se o pobre Luciano fôsse ainda vivo, lá abichava agora o logarsinho de monteiro-mór dos canos da republica, com alguns tres contos e seiscentos por anno!...

Mais adiante, o decreto chama á campanha contra os ratos uma campanha de civilisação, e allude á proverbial esperteza do animalsinho em questão.

Não ha duvida! E sendo o rato tão esperto, acode-nos perguntar se não terá rido a fartar com o decreto emanado do ministerio do Interior.

O rato é por natureza um trocista de marca maior; e a estas horas o signatario do decreto deve andar pelos subterraneos de bocca em bocca, como entre nós anda o senhor de La Pallisse.

Outra novidade que o decreto nos dá, é que o *campeão* (sic) raticida é um senhor dinamarquez. E nós, a julgarmos que o verdadeiro, o authentico campeão era o Luciano das ratas! Emfim, pelo visto, o outro bateu o record!...

Pois fiquem sabendo os que não leram o delicioso e romantico decreto que a cada homem *corresponde um rato, quando não são dois e mais!*...

Mais ainda: em Portugal ha cinco milhões de ratos pelo menos que roem por anno cerca de mil contos de réis!

E a alta proibidade do ministro do Interior indigna-se

contra estes farçantes, que não pagam renda de casa; nem decima e ainda por cima comem á tripa fôrra!

Não pôde ser! Entrámos n'um regimen de moralidade! Os senhores ratos, ou pagam as contribuições atrasadas, ou Penitenciaria com elles!

Toda a gente sabe o que é *water-proof*, um impermeavel; pois bem, o citado decreto preconisa uma nova invenção: o *rat-proof*. E' como quem diria uma capa de borracha contra os ratos.

Vendem-se no Grandella, em excepcionaes condições de preço e solidez!

A introdução ao decreto, termina assim:

—...na convicção de que vão n'esta empreza envolvidos interesses vitaes, lesados directa e indirectamente, da agricultura, do commercio, da navegação e da economia domestica.

Sobretudo da navegação! E' incalculavel o prejuizo que a rataria causa á navegação, principalmente por causa das passagens de borla!...



pos que vão correndo, vale tanto como ter estado na Rotunda.

Vale mesmo mais, porque o rato é esperto e a guarda municipal era estúpida!

Cidadãos!

E' preciso consolidar a republica! E os ratos, instrumentos secretos dos jesuitas, conspiram por baixo da cidade contra as instituições!

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Sr. Redactor

Uma comissão de gatos, reunida em sessão magna, deliberou protestar contra o decreto de 17 de novembro ultimo, que incita os homens a uma guerra contra os ratos.

Lamentamos que o senhor ministro do Interior pretenda invadir as nossas attribuições, nomeando para combater a rataria pessoas de manifesta incompetencia.

Essa medida violenta traz como consequencia a fome á nossa classe laboriosa.

Entre nós ha muitos republicanos historicos e alguns de nós têm attestado em como estiveram na Rotunda; muitos é certo que adherimos depois do 5 d'outubro e outros tempo nos mantido monarchicos fieis; mas nenhum de nós está ás ordens dos conspiradores, nem têm rasca na assadura dos adeantamentos illegaes.

Abaixo o decreto do ministro do Interior!

Viva a profissão livre dos gatos!...

A Comissão.

Mais recebemos o seguinte telegramma:

Paris—Julgando-me attingido pelo decreto de 17 de novembro de 1910, emanado do ministerio do Interior, resolvi emigrar.

Moreira Rato, escultor.

Posto isto, só nos resta acrescentar que a primeira manifestação ministerial contra os ratos foi a odiosa supressão do Largo do Rato.

O proseguimento da campanha raticida fica a cargo das sociedades anonymas de responsabilidade limitada que se queiram occupar do caso.

ANTONIO AMARGO.

VERSOS

A uma certa mulher

Foi no theatro. Recorda-se? Talvez...

— Naquella noite a Angela fazia,
O papel mais vulgar e mais burguez
Da humana companhia.

Representava a adúltera canalha
Que vende a peso a honra do marido,
Quando o dinheiro falha
E é preciso um vestido.

Vossa excellencia estava n'uma frisa,
Tinha um vestido branco, encantador,
A' moda de camisa,
E ria-se da adúltera e do amor.

Estava linda assim, bem recostada,
Opulenta de formas provocantes
E sorrindo altiva e descuidada
Dos parvinhos gentis, dos elegantes.

E gostei, francamente, do seu riso,
Um mixto de desdem e compaixão,
Por esses desgraçados sem juizo
Que embrulham n'um lencinho o coração.

Perto de mim um imbecil cadete
Do forno de galuchos collegiaes,
Disse para um collega, de falsête:
«Bocca ideal p'ra beijos ideaes.»

O quintanista Abreu, doce idiota
Que faz declarações todas doçura,
Logo falou n'uma paixão ignota
Que lhe inundava a alma d'amargura.

E um caixeiro de pannos instruido,
E com aspirações a deputado,
Segredou em surdiña ao meu ouvido:
«Fazenda igual não anda no mercado».

Emfim, foi o assumpto festejado
D'aquella noite longa de entremez,
Certo perfil de sonho illuminado,

A estatua do peccado,
E o busto da altivez.

E quando Vosselencia foi embora
Eram ás duzias os apaixonados,
Que a seguiram pela rua fóra,
Suspirando, damnados.

Eu fui tambem, sómente, para ver
Onde é que Vosselencia se escondia,
E consegui por fim vir a saber
A rua, o numero e o nome d'uma tia.

Era bastante para o meu desejo
E no dia seguinte la passei:
Chegou a ir pelo ar perdido o beijo
Que lhe mandei.

Depois todos os dias á mesma hora
La passar, ignoro para quê,
Na rua linda em que Vossencia móra.
— Todos sabem onde é.

Uma tarde Vossencia aborrecida
Fugiu e na janella mandou pôr
Um animal de cauda retorcida,
Felpuda e carinhosa para o amor:

E eu disse com horror:
— «Estará ella bem substituida?»
E o vento murmurou:
«Está, sim, senhor».

Junho 1911.

C. S.



—N'esta rotunda é que eu era um heroe.

A PROPOSITO

Entre amigos

Foi certo abbade obeso e rechonchudo
 Consultar um esculaþio de mão leve:
 — Tenho lesão... Não durmo. L vae tudo...
 Canço ao subir... A vida é muito breve.

O medico, depois de estudar bem
 A doença de que o padre se queixava:
 — A reverencia sabe o que é que tem?
 — Por não saber é que eu o consultava...

— Lesão não tem. E quando houver subida
 Vossa reverencia ande devagar...
 Tem cara de quem leva boa vida
 Comer, beber, dormir e passear...

— E as insomnias, doutor? Que hei de fazer?
 — Arranje uma abbadessa, s, escorreita...
 — Muito bem, senhor. Pde-me dizer
 Se se avia c em casa essa receita?

A. S.



— Já reparaste como esta pequena me deita o rabo
 d'olho?

— O rabo d'olho de costas voltadas!? Só se fôr...
 o contrario.



N'aquelle dia a meiga namorada
 Notou-lhe uma pieguice e commoo
 A que não 'stava ha muito acostumada:
 — Que diacho tinha elle no corao?

Peito para dentro. O olhar amortecido.
 Qu'rendo falar e sem nada dizer.
 Mordendo o beijo. O estomago encolhido.
 As mãos nas algibeiras. Rosto a arder.

— Que tens João? responde por favor.
 Andas doente? Então? Olha que eu fico
 A mal contigo. O pobre commoido.

Teve (coitado! effeitos d'uma dr...)
 O tempo de dizer só: Eu te explico...
 E ouviu-se um som sonoro e decidido.

No comboio, 25-3-911

JOSÉ BRAZ

Accos da exposição

Biblioteca da Satira
INVENÇÃO



CHRISTO

Caricatura de Columbano Bordallo Pinheiro



Entre talassas de tom:

— O Visconde sabe quem é o auctor da lei da gravitação?

— Não, baroneza, mas isso deve ser obra do Affonso Costa.



Do nosso amigo J. Cernadas, co-proprietario da Livraria Editora Cernadas & C.^a, recebemos os seguintes volumes:

Auto das quatro estações, de A. Corrêa de Oliveira, um dos mais brilhantes livros de versos que ultimamente têm surgido no nosso mercado litterario.

A educação na futura democracia portugueza, livro de valor escripto por um novo de boa vontade e bem orientado.

Egreja livre, conferencia do dr. Santos Farinha, cujo conhecido espirito liberal e tolerante se reflete n'este opusculo.

O Povo e a Republica, por Pimentel Cordeiro, versos de glorificações ao novo regimen.

Do regicidio á Republica, (1.^o fasciculo) por Arnaldo da Fonseca, obra de documentação e boa critica.

A B C do photographo amator, livrinho muito util aos interessados.

*

Da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria O'Neill recebemos: *Nimbos*, *S. João nas ruas e salmos de amor*, tres livros de versos onde se affirma o real talento da auctora afinado pela sua delicada sensibilidade feminina; e um opusculo em que se desonera com a sr.^a D. Maria Amelia Vaz de Carvalho, da responsabilidade litteraria.

*

Esplendido o ultimo numero dos *Varões Assinalados*, onde o lapis endiabrado de Valença e a veia comica de Carlos Simões se dão mãos para effectnar uma excellente caricatura do dr. Brito Camacho.

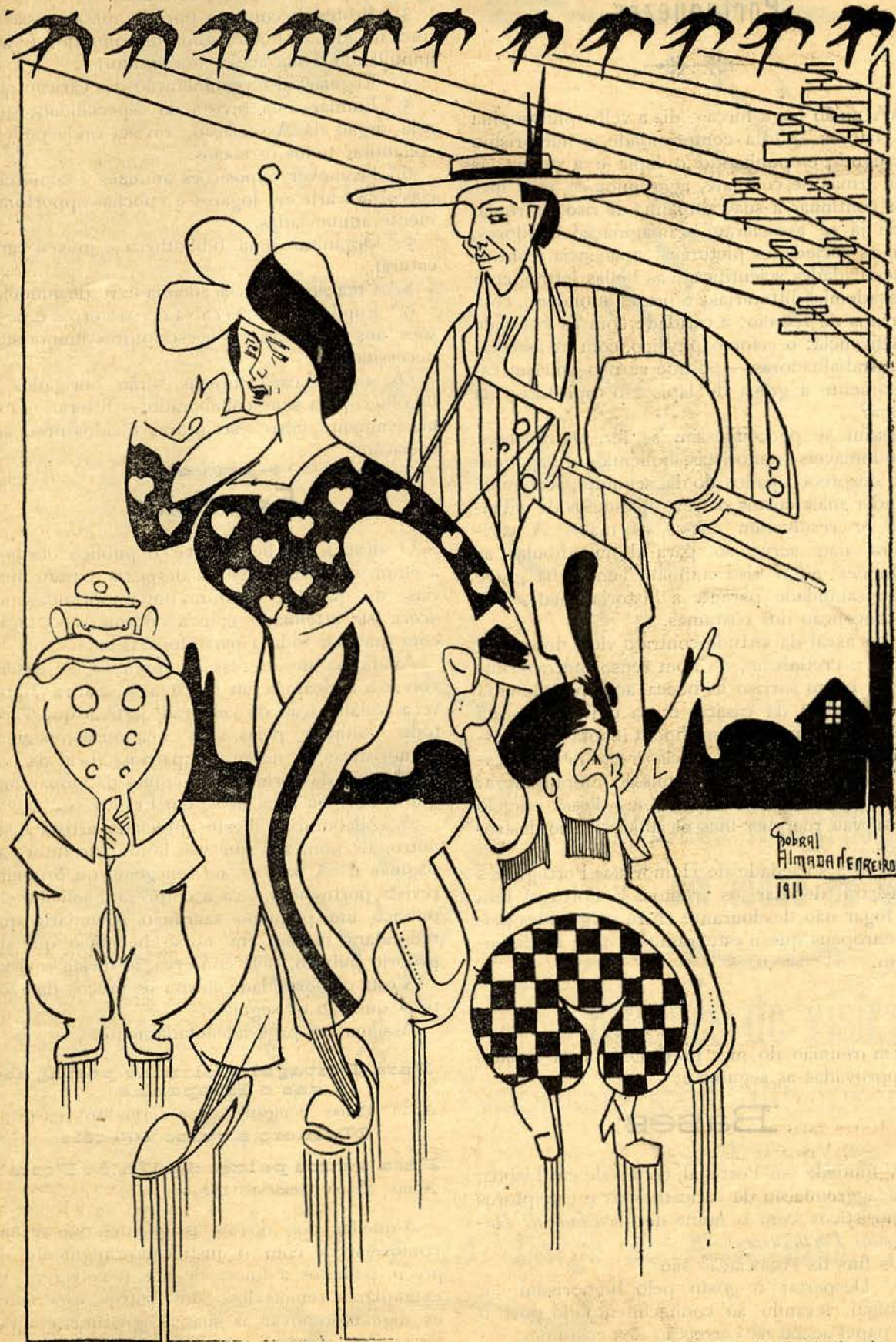
*

Offereceu-nos o sr. Rocha Martins o seu livro *A côrte de Innocent em Portugal*, primeiro da série *As invasões francezas*. E' uma narrativa meio historica, meio aneddotica, que se lê com agrado, sem no entanto accrescer nenhum aspecto novo ao celebre soldado-aventureiro.

*

A todos, auctores e editores, sinceramente agradecemos.

Razão ponderosa



- Faz favor de me não seguir? Olhe que sou casada!
- Não faz mal, minha senhora. Também eu!

Desenho de Almada Negreiros

Sociedade dos Humoristas Portuguezes

«A união faz a força», diz a velha philosophia das nações. N'esta conformidade, e humorismo portuguez, empunhando o lapis e a penna, as suas armas de combate, aggreuiou-se, para melhor continuar a sua campanha de riso de ironia.

Se já se associaram a imaginação criadores, com as sociedades picturaes; a sciencia, com as collectividades scientificas; as bellas letras com as academias litterarias; o prazer mundano, com os clubs de recreio; a caridade com os casos de beneficencia; o esforço physico, com as associações trabalhadoras — porque se não uniriam estreitamente a graça do lapis e o espiritoso da penna?

Assim se pensou assim se fez. Os rebeldes, e indomaveis humoristas, bohemios e vagabundos, despreoccupados do dia seguinte, acabou de prender mais curtos os seus instinctos de vid'airada, e resolveram dar-se as mãos. A caricatura não serve só para desmandibular as multidões n'um riso animal. Tem uma grave responsabilidade perante a historia, qual seja a da concepção dos costumes.

E' o físcal da virtude contra o vicio do merito contra o cretinismo, do bom senso contra o ridiculo o como sorriso na bocca, aqui prende uma lata as abas da casaca, crava um alfinete sua anca postica, mette n'uma bocca inepta uma grossa rolha de trapos. Era preciso restituir á caricatura o humorismo, á sua missão moralisadora? Pois bem: serão os sacerdotes d'essa religião quem vae reerguer-lhes os altares meio-destroçados.

Breve a sociedade de Humoristas Portuguezes começará de dar os fructos. E Portugal terá um lugar não desdourante entre os grandes paizes europeus que n'este ramo de arte se distinguem.

Em reunião do mez preterito, foram votadas e approvadas as seguintes:

Bases

E' fundada em Portugal, com séde em Lisboa, uma aggreiação de caricaturistas e escriptores humoristicos com o nome de *Sociedade de Humoristas Portuguezes*.

Os fins da Associação são:

1.º Despertar o gôsto pelo humorismo em Portugal, levando ao conhecimento do povo o seu papel social na correcção dos costumes.

2.º Obstar á concorrência de artistas estrangeiros, e o plagiato e contrafacção das suas

obras, pedindo a intervenção e protecção do governo para os artistas nacionaes.

3.º Protestar contra a pornographia grosseira que invade o humorismo, deprimindo, e até annullando a sua acção moralisadora.

4.º Regularisar a remuneração das caricaturas.

5.º Fundar uma revista da especialidade que seja orgão da Associação, revista onde podem collaborar todos os socios.

6.º Promover exposições annuaes e conferencias sobre arte em logares e epochas opportunamente annunciadas.

7.º Organisar uma bibliotheca e museu caricatural.

8.º Creação d'uma academia livre de modelo.

9.º Fundação d'uma caixa de socorros e pensões aos caricaturistas e escriptores humoristas necessitados.

Os socios caricaturistas serão obrigados a escolher para seus collaboradores litterarios exclusivamente entre escriptores filiados nesta associação.

Expediente

O desejo de bem servir o publico obrigou a empreza d'esta revista a despezas extraordinarias, de que lhe resultou um importantissimo deficit só attenuado com a enorme acceitação com que por toda a parte foi recebida.

Ainda na desinteresseira intenção de desenvolver a caricatura em Portugal a «Satira» obteve a collaboração do celebrado artista que Paris todo conhece pelas suas magnificas paginas humoristicas, o nosso compatriota, Leal da Camara, uma das primeiras victimas da monarchia, que o obrigou a exilar-se em França.

A collaboração d'este apreciado artista e de outros de nomeada que vão honrar de futuro as paginas d'«A Satira», no seu genero a primeira revista portugueza, leva a empreza a solicitar do publico um pequeno sacrificio pecuniario que redundará menos em nosso beneficio que do proprio publico, pela conservação d'esta revista.

N'esta conformidade elevou os preços da «Satira» que são os seguintes:

Assignatura paga adeantadamente.

Para Portugal, Colonias portuguezas e Hespanha

Anno 1\$200 Semestre 600 Trimestre 300 rs.

Numero avulso 100 réis

Para outros paizes da União Postal:

Anno 2\$400 Semestre 1\$200

A'quelles dos nossos assignantes que se não conformarem com o justificado augmento de preço pedimos a fineza de nos devolverem os exemplares remetidos; dos outros esperamos es dignem renovar as suas assignaturas em valles, ordens postaes ou estampilhas de 50 e 25 réis.

A EMPREZA



Mendonça, Vianna & Silva

Successores de Bizarro & Silva

*Papeis Nacionaes
e Extranjeiros.*

Livros de escripturação commercial

Artigos de escriptorio

CENTRAL
Casa fundada em 1882

MINERVA
Papelaria e Typographia

TELEPHONE 1191

**Trabalhos typographicos
em todos os generos**

Bilhetes de visita

Typographicos, lithographicos
e estampados

14, 15, Largo do Pelourinho, 16, 17

Lisboa

A SATIRA

REVISTA HUMORISTICA DE CARICATURAS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

PORTUGAL E HESPANHA

Trimestre	300 réis
Semestre.....	600 »
Anno.....	1200 »

EXTRANGEIRO E COLONIAS

Accresce o porte do correio

Numero avulso 100 réis



A Satira Pequena

Publicação semanal humoristica de caricaturas

Numero avulso 10 réis

A sahir brevemente